

# NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

## Mídia e em escola debate

Ponto e Contraponto  
Nelson Hoinoff discute  
o que é qualidade em TV

ISSN 1676-5141



9 771676 514092 00011



<b>Editorial</b>	4
Escola e mídia	
<b>Cartas</b>	5
Prática, SME e CRE, reflexão e valorização	
<b>Ponto e Contraponto</b>	6
O jornalista Nelson Hoineff discute a qualidade da produção de mídia no Brasil	
<b>Capa</b>	10
Para Patricia Edgar, presidente da Fundação WSMFC, diversidade enriquece	
<b>Pé na Estrada</b>	21
Alunos das escolas municipais são produtores de mídia	
<b>Atualidade</b>	24
O significado das festas de fim de ano em várias religiões	
<b>Olho Mágico</b>	27
Animação: uma proposta interdisciplinar	
<b>Zoom</b>	30
Pais se preocupam com o que seus filhos vêem na TV	
<b>Vida de Professor</b>	32
Nas férias...	
<b>Caleidoscópio</b>	34
Produtos da MULTIRIO na sala de aula	
<b>Carioca</b>	39
Os trabalhos que venceram o concurso Tirando a droga de cena	
<b>Tudoteca</b>	41
Os lançamentos do 4º Salão do Livro para Crianças e Jovens	



Empresa Municipal de Múltiplos Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ  
 CEP 22260-210 • www.multirio.rj.gov.br • ouvidoriomultirio@pcrj.rj.gov.br  
 Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

**Cesar Maia** - Prefeito • **Sonia Mograbi** - Secretária Municipal de Educação • **Regina de Assis** - Presidente da MULTIRIO • **Maria Inês Delorme** - Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628) • **Éida Vaz** - Assessora de comunicação e ouvidora • **Guaira Miranda** - Gerente de multimídia

Equipe de Produção: **Alberto Jacob Filho** - Fotografia • **Cristina Campos** - Conteúdo • **Cristina Morel** - Conteúdo • **Erick Grigorovski** - Ilustração • **Joanna Miranda** - Conteúdo • **Lúcia Barreiros** - Produção gráfica • **Marcus Tavares** - Reportagem • **Martha Neiva Moreira** - Edição • **Nancy A. Soares** - Revisão • **Eduardo Ofellano** - Ilustração • **Suely Barreto** - Conteúdo • **Tania Oliveira** - Projeto gráfico e editoração

Fotolitos e Impressão: **Gráfica e Editora Posigraf** • Tiragem: **40 mil exemplares**

Desenho do aluno Renan Riatro, 6ª série, Escola Municipal Presidente Arthur da Costa e Silva, Zona Sul, Rio de Janeiro (RJ)

# NÓS DA ESCOLA



Antes da realização do **Seminário Latino-americano de Educação - A Escola na Idade Mídia**, que aconteceu em 19 de novembro, no Riocentro, recebi um e-mail de uma professora de História da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, solicitando a sua inscrição. Ela dizia: "Secretária, sou professora de História e não posso ficar de fora de um seminário que fala sobre a Escola na Idade Mídia". Vi logo que a professora havia confundido Idade Média com Idade Mídia. Ela ainda falou que tratava-se de um seminário muito importante: "A senhora está trazendo um tema fundamental. A senhora sabe que há escolas que ainda estão na Idade Média? Há escolas que não têm um Projeto Político-pedagógico. Há escolas em que as regras são muito rígidas".

Aproveitei o e-mail para falar com ela sobre várias questões. Sobre a importância da construção de um Projeto Político-pedagógico, sobre a democratização e da avaliação de todas estas questões tão caras para nós. E, no final, disse que o seminário falaria sobre a Escola na Idade Mídia.

Mídia e mídia. Esta questão fez com que eu mergulhasse no passado e pensasse sobre o tempo. Acabei me lembrando daqueles professores que há muitos anos pegaram uma câmera e fizeram um documentário de sua escola, de seu bairro ou de um tema que palpitava naquela comunidade escolar. Daqueles professores que alugavam vídeo, que traziam, cada um, um aparelho de televisão. Daqueles que procuravam um programa de TV interessante para discutir com os seus alunos. E também daqueles que, às vezes, pediam aos estudantes para prestar atenção em uma determinada série televisiva que estaria trabalhando um romance ou parte de uma história importante do nosso país.

Voltei no tempo e comecei a me lembrar destas iniciativas pioneiras. Na primeira gestão do Prefeito Cesar Maia, lembro da criação da MULTIRIO. Quando começamos a discutir, em 1993, eu recém-saída da escola indo para o Departamento de Educação e Cultura (DEC), estávamos preparando a infra-estrutura para essa primeira discussão, ali no Teatro Delfim, no Humaitá. Lembro que foi uma discussão acirrada, em que as pessoas nos acusavam de querer substituir o professor pela televisão. "Os professores serão substituídos pela TV e pelo vídeo. Isto é um absurdo!", diziam.

Nós estávamos fazendo a História desta Rede. Estávamos introduzindo novas ferramentas para os nossos professores. A MULTIRIO foi caminhando e nós, hoje, em parceria, estamos qualificando os professores, cada vez mais, para trabalharem com estes novos instrumentos. E mais, chegamos ao ponto de produzir mídia.

Atualmente, é significativo o número de alunos e de escolas que produzem jornais, vídeos, programas de rádio, sites, trabalhos de mais alta qualidade, na Rede Pública Municipal. Trabalhamos com todas as formas de mídia e produzimos ao mesmo tempo. A realização do seminário teve o objetivo de disparar uma bellissima discussão para o debate que será realizado durante a 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, que será sediada no Rio de Janeiro, em 2004.

Para encerrar gostaria de citar uma imagem que me ficou na memória. Outro dia estava arrumando minha pasta, colocando as coisas em ordem e me deparei com a imagem de um filme na TV: dois atores dançando, a mãe com seu filho, comemorando o êxito escolar do jovem. Era um filme que retratava a época da guerra. A França ocupada e sob *blackout* total. Naquele momento, quando tudo está escuro, o filho diz que a escuridão não foi capaz de apagar a luz do luar. Assim como ele, eu espero que essa luz do luar nos acompanhe sempre, iluminando todos os caminhos, para conseguirmos superar as dificuldades e atingir a felicidade que queremos: o êxito escolar. Não basta entrar na escola, é preciso permanecer nela e alcançar o sucesso.



**Sonia Mograbi**  
Secretária Municipal de Educação

## Prática

Quero parabenizá-los pelo excelente trabalho que vocês estão desenvolvendo com esta Revista **Nós da Escola**, que muito tem contribuído para nossa prática pedagógica, enquanto educador, como também para nosso conhecimento/esclarecimento enquanto servidor municipal. Parabéns!

**Professora Norma Sueli de Santana Alves @**  
Professora da 10ª CRE/DED e da Escola Municipal  
Doutor José Antônio Cirauco, Paciência, Zona Norte,  
Rio de Janeiro (RJ).

N. da R. - Professora, a equipe da **Nós da Escola** agradece a correspondência.

## SME e CRE

Parabenizo a SME e a 1ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) pelos excelentes encontros dos quais participei este ano, pelas questões afins apresentadas, por terem ampliado a minha visão como educadora, enriquecendo a minha prática. Destaco o curso Por uma educação não discriminatória e o Ciclo de Oficinas Pedagógicas: as possibilidades da escola diante das questões da violência - Projeto Educação Ambiental e Saúde.

**Professora Iris Jesus M. Barbeito ☐**  
Escola Municipal Humberto de Campos, Mangueira, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ).

N. da R. - A equipe agradece a participação.

## Reflexão

Queremos registrar a importância da **Nós da Escola** - fonte de leitura e de reflexão com excelentes artigos - utilizada por nós no cotidiano escolar. Como escola promotora de saúde e desenvolvendo o projeto "Família Junto X Escola Saudável", temos distribuído e divulgado a Revista para os responsáveis envolvidos no projeto que sempre a elogiam e passam a conhecer mais sobre a educação no município do Rio de Janeiro.

**Equipe de professores da Escola Municipal Humberto de Campos, Mangueira, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ). ☐**

N. da R. - A MULTIRIO fica feliz pela correspondência.



## Valorização

A **Nós da Escola** é mais do que um alento no dia-a-dia dos profissionais de educação e alunos. É luz. Reconhecimento. Valorização. Aconchego. Colo, mesmo. Emocionei-me com a entrevista do professor Rodolfo Ferreira e aqui vai um beijo e um recado para ele: "A nossa categoria nas duas últimas décadas articulou-se na contramão da história. Assumiu o papel de coitadinha, sofredora, derrotada e que ainda há de vencer na vida... Fica difícil respeitar alguém nessas condições! Reivindicações podem ser feitas sem abrir mão da dignidade, da altivez e do respeito. Por isso mandei imprimir em uma camiseta, quatro letras "P" na frente. E nas costas, o seguinte: "professor, profissional, plenamente poderoso".

**Professora Sônia Mª do Nascimento Alves ☐**  
Escola Municipal Gastão Monteiro Moutinho, Taquara, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ).

N. da R. - Adoramos a sua carta e ficamos felizes com o trabalho que a senhora vem realizando. Parabéns e nosso obrigado.

☐ Carta ☐ Telefone ☐ @ E-mail



# Resistência à banalidade

Definir o que é qualidade em mídia parece ser tarefa complicada até mesmo para quem entende do assunto. Sabe-se que selecionar o conteúdo é um grande passo, mas não é tudo. Tão importante quanto escolher o que irá ao ar, será publicado, filmado, editado ou encenado, é adequar formalmente o conteúdo ao meio: “Uma televisão pode ser ruim mesmo exibindo uma sinfonia de

Beethoven e pode ser boa mesmo falando para as massas. Não basta filmar um texto de Shakespeare para se fazer um bom filme, pelo contrário, a

maioria das adaptações é muito ruim”. A afirmação é do jornalista Nelson Hoineff, especialista em TV por assinatura, crítico de cinema e diretor de documentários, com passagem por grandes emissoras como Manchete e SBT.

Embora acredite que a televisão não tenha a função específica de educar crianças e jovens, ele reconhece que a maior parte das pessoas se forma pela TV. Grave constatação, pois o tipo de formação que o meio vem produzindo é, na sua avaliação, nefasta.

A sociedade, por conta disso, tem que estar atenta e tomar consciência que as concessões às emissoras são feitas em seu nome. “A população deve se organizar para se fazer isto”, diz Nelson, que em entrevista à **Nós da Escola**, acrescenta: “Em muitos países existem instituições voltadas para o controle de qualidade da TV. No Brasil há algumas bastante sérias, mas que acabam tendo pouca penetração. As televisões públicas poderiam ser um ótimo foro para se discutir este tema”.

O artigo 222 da Constituição, que regula o funcionamento das empresas de comunicação, foi alterado recentemente para permitir a entrada de capital estrangeiro nas empresas produtoras de mídia. O senhor acha que teremos um fortalecimento da produção nacional por conta disso?

**Nelson Hoineff** - A única justificativa para que se permita a entrada do capital estrangeiro nas empresas de comunicação é essa: o fortalecimento da produção nacional. Atualmente, quase todas as redes de televisão alegam não ter recursos para produzir localmente. Em grande parte isso é verdade. Uma parte da questão é que o governo não poderia dar ou manter uma outorga a uma emissora que não tivesse condições de dar emprego pleno a brasileiros e sobretudo de levar a imagem brasileira a brasileiros. Isso é uma parte da questão. Ao incorporar recursos de fora, esse tem que ser o primeiro compromisso da empresa: utilizá-lo para produzir localmente. Tal coisa faz parte do que originalmente era pretendido para a negociação da lei: a regulamentação do artigo seguinte, que fala sobre índices de nacionalização da produção e - o que é mais importante - de seu desvinculamento à exibidora.

O senhor é especialista em TV por assinatura. Como podemos definir qualidade em televisão?

**Nelson Hoineff** - Tenho forte oposição à idéia de que a qualidade do meio depende exclusivamente ►

“ (...) a diversificação e a pluralidade são aferidores importantíssimos da qualidade em televisão ”



da aceitação institucional do seu conteúdo. Uma televisão pode ser ruim mesmo exibindo uma sinfonia de Beethoven e pode ser boa mesmo falando para as massas. Qualidade em televisão depende em grande medida da adequação formal e narrativa do conteúdo ao meio, o que, aliás, vale também para qualquer outra forma de expressão. Não basta, por exemplo, filmar um texto de Shakespeare para se fazer um bom filme, pelo contrário, a maioria das adaptações é muito ruim.

## “Não vejo na televisão um mecanismo de complementação à educação formal”

No artigo *Gerando Imagens* (JB, 13/13/2002), o senhor diz que mais do que discutir sobre quem vai gerar as imagens para os televisores brasileiros é importante tratar que imagens estarão sendo geradas. Como é possível assegurar a qualidade da produção de mídia? E, especialmente, da produção de mídia para crianças e jovens?

**Nelson Hoineff** - Considero que não é função específica da televisão educar as crianças. Ou por outra: a televisão tem tanto dever de educar quanto um jogo de futebol, por exemplo. Dito isso, podemos partir para pensar num modelo de televisão que seja compatível com a dignidade do espectador e de modelos de programação adequados à criança (que a meu ver não devem

reproduzir a educação formal e sempre que possível se antepor a ela). É muito difícil assegurar isso quando o entorno da televisão é tão medíocre e imune a qualquer forma de controle. O que a televisão gera hoje é em grande parte não apenas ofensivo ao cidadão como inibidor de seu crescimento. A maior parte dos brasileiros se forma através da televisão e o tipo de formação que ela vem produzindo é indiscutivelmente nefasta.

**A deputada Jandira Feghali tem um projeto que obriga todas as estações de TV do país a produzir um mínimo de 30% de programação no local onde elas estão instaladas. Em que medida essa proposta fortalece uma produção de mídia que tenha a cara do Brasil?**

**Nelson Hoineff** - A proposta da deputada Jandira Feghali foi aprovada na Câmara com algumas modificações feitas à última hora. A essência do projeto evidentemente é muito boa, mas o projeto em si é bastante fraco. Não leva em conta todas as pontas do sistema e acaba abrindo caminho à sua própria inviabilização. Teria que ser melhor discutido. Mas acabou fazendo parte de vários outros projetos e leis que foram incorporados ao projeto de Comunicação Social Eletrônica, que o Ministro Juarez Quadros apresentou no final de seu mandato, como uma herança ao Ministro Miro Teixeira. Não se pode cogitar de uma televisão que não produza localmente e mais: que não nacionalize a produção regional. Mas essa é uma equação muito complexa, cuja resolução tem que passar por um conhecimento bastante amplo da complexidade do sistema. As televisões têm que ser chamadas e levadas a participar da elaboração de uma legislação que resolva essas questões. Os prejuízos que a centralização da televisão aberta já foram capazes de causar à cultura brasileira são imensuráveis. Expressões culturais de grande porte foram anuladas e criou-se uma hegemonia cultural na região Sudeste que não corresponde à realidade. Quando discutimos acima a multiplicidade dos critérios para se definir o que é uma televisão de qualidade, estamos falando disso: a diversificação e a pluralidade são aferidores importantíssimos da qualidade em televisão.

**De que forma podemos usar a mídia em favor da melhor educação para crianças e jovens?**

**Nelson Hoineff** - Como disse antes, não vejo na televisão um mecanismo de complementação à educação formal. Mas tudo que o jovem possa ver na televisão de verdadeiro, de ético, tudo que estimule sua reflexão e facilite o entendimento do mundo é profundamente educativo.

**Como podemos resistir à banalidade e comercialização presentes na maior parte da programação de TV?**

**Nelson Hoineff** - Podemos resistir à banalidade mantendo nossa indignação a ela constante como se estivessemos vendo televisão cada dia pela primeira vez. E estimulando a formação de uma televisão consistente, afinada com a grande-

za do próprio veículo. Temos que nos surpreender todos os dias ao ver que até a fé e a esperança são vendidas como se fossem um produto de consumo qualquer.

**Patricia Edgar, presidente da World Summit Media for Children, ministrou uma palestra recentemente no Rio e falou que, embora tenhamos hoje mais informação disponível, a sensação é que as pessoas estão menos informadas. Você concorda? Como isso se explica?**

**Nelson Hoineff** - Concordo em grande parte. Temos mais informação do que antes, porém menos diversificada. A mídia e a televisão massiva, em particular, têm colaborado muito para a padronização da informação. Mas não se deve esquecer a altíssima responsabilidade dos sistemas de televisão fechados e do conservadorismo das agências de propaganda, por exemplo. Nas grades de TV por assinatura, isso fica muito evidente. Em mais de 200 canais trafegando, não existem mais do que 2 ou 3 ideários diferentes. Tudo é fruto do mesmo pensamento - ideológico, estético, político. Tal situação é particularmente grave porque a quantidade de sinais diferentes dá uma falsa idéia de diversificação, de pluralização, quando na verdade o que se vê é mais da mesma coisa, a repetição *ad nauseam* de um mesmo projeto de televisão. As agências e os institutos de pesquisa entram com uma forte colaboração, ao pretender que o desempenho dos programas seja avaliado quantitativamente e não por medições específicas, como, por exemplo, o impacto da diversificação sobre a decisão do consumidor de assinar um sistema. O que eles fazem na verdade é igualar tudo, forçar a TV por assinatura a se comportar massivamente, o que é um processo claramente esquizofrênico. Com as agências jogando na defesa e os institutos no óbvio - e com os sistemas cristalizando sua arquitetura monolítica - há pouco espaço para a diversificação. Há mesmo uma quantidade grande e igual de informação dando a falsa impressão de que as pessoas estão sendo mais informadas.

**Em que medida a sociedade pode intervir para controlar a qualidade do que é veiculado pela mídia?**

**Nelson Hoineff** - A sociedade tem que saber, em primeiro lugar, que é ela quem está pagando a televisão e que as outorgas são dadas em seu nome. Deve ter em mente, também, que a televisão é um meio de comunicação que constitucionalmente não pode estar sujeito à censura prévia. Portanto, não há como reclamar formas de controle mais rígidas do governo, por exemplo. É uma equação difícil de resolver. Mas o melhor caminho, a meu ver, é chamar a atenção para o fato de que a sociedade não está satisfeita com a televisão que lhe está sendo oferecida. Há caminhos para se fazer isso.

**Quais?**

**Nelson Hoineff** - É necessário que haja organização suficiente. Em muitos países existem instituições voltadas para o controle de qualidade da TV. No Brasil há algumas bastante

“As televisões públicas poderiam ser um ótimo foro para se discutir a qualidade da TV no Brasil, de maneira transparente e séria”

sérias, mas que acabam tendo pouca penetração na mídia. As televisões públicas poderiam ser um ótimo foro para se discutir a qualidade da TV no Brasil, de maneira transparente e séria. Pode-se através dela estimular a sociedade a perceber as potencialidades não exploradas da televisão e a maneira pela qual a TV acaba sendo nociva às pessoas. Pode-se mudar a TV a partir da própria TV. Isso ressalta também uma das faces mais importantes das TVs públicas, que não podem vir a reboque da TV comercial, mas ter a sua própria cara, discutir questões que não poderiam ser discutidas em outro âmbito, fazer uma boa televisão (o que no caso mais geral não vem acontecendo) e assim mostrar à sociedade como uma televisão de qualidade é viável no Brasil. ■



**Dica de leitura**

**HOINEFF, Nelson. *A nova televisão: desmassificação e o impasse das grandes redes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.**

A partir de um trabalho de pesquisa detalhado, o livro descreve o processo que leva à substituição de um velho veículo por outro completamente novo.



# Escola na Idade Mídia

Por Patricia Edgar

Presidente da World Summit on Media for Children Foundation  
(Fundação da Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, em Melbourne, Austrália)

De tudo que se discute hoje sobre mídia, o que mais tem mobilizado os profissionais da área é a questão da qualidade do que é produzido, principalmente do que é produzido para crianças e adolescentes. Como criar conteúdos significativos, como criar um critério de qualidade no contexto da globalização e, sobretudo, como envolver a sociedade nesta discussão são algumas perguntas que estão na pauta de quem trabalha na área.

“A situação da programação infantil hoje em dia e das comunicações em geral tem que ser inserida num debate mais amplo sobre a globalização e as questões sociais que este movimento gerou”, disse Patricia Edgar, presidente da World Summit on Media for Children Foundation. Em novembro passado, ela veio ao Rio para a Pré-conferência Latino-americana da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, realizada no Rio de Janeiro, e falou a professores da rede na abertura do Seminário Latino-americano de Educação - Escola na Idade Mídia, promovido pela Secretaria Municipal de Educação (SME). Leia, a seguir, a palestra na íntegra.

Fui convidada para falar sobre as origens do movimento da Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes. É uma história pessoal e política, mas relevante para os professores.

Comecei a minha carreira como professora de Ensino Fundamental e depois passei dez anos na Faculdade de Educação, dando aulas para professores. Em seguida, fui, durante 20 anos, diretora da Fundação Nacional de Televisão para Crianças da Austrália. Essas experiências me mostraram porque os programas de mídia para crianças são tão importantes para o seu desenvolvimento.

Albert Einstein disse certa vez: “Se quiser que os seus filhos sejam brilhantes, leia contos de fadas para eles. Se quiser

que sejam ainda mais brilhantes, leia ainda mais contos de fadas”.

A opinião instintiva de Einstein ganhou mais peso depois do estudo clínico do famoso psicólogo Bruno Bettelheim, que ajudava crianças problemáticas a alcançar a maturidade psicológica. Bettelheim ensinou crianças a lidar com as suas ansiedades e emoções confusas lendo contos de fadas.

Em seu célebre livro “The uses of enchantment: the meaning and importance of fairy tales” (editado no Brasil com o título de “A psicanálise dos contos de fadas”), Bettelheim diz: “Muitas pessoas recusam-se a permitir que as crianças saibam que grande parte do que está errado em nossas vidas se deve à nossa própria natureza – à propensão que existe em todos os homens a adotar um comportamento agressivo, anti-social, egoísta, raivoso e ansioso. Em vez disso, queremos que as nossas crianças acreditem que a bondade é inerente a todos os homens. Mas as crianças sabem que nem sempre elas são boas; e muitas vezes, mesmo quando o são, preferiam não sê-lo. É uma contradição em relação ao que os pais dizem e leva a criança a se considerar um monstro”.

**Retrato da vida real** - Os contos de fada retratam as graves pressões internas que as crianças sofrem, mas de uma maneira que elas possam entender inconscientemente. As histórias simplificam situa-

ções de vida usando personagens bem definidos, que representam a bondade e a maldade. Os personagens divertem e esclarecem.

Ainda assim, no mundo ocidental, estamos reescrevendo os contos de fada para amenizar seu conteúdo cruel porque hoje eles estão sendo considerados duros demais. É um grave erro. A obra de Bettelheim mostra que o nosso desejo de proteger as crianças acaba por deixá-las expostas. As nossas boas intenções estão tirando delas o acesso aos recursos de que precisam para lidar com o mundo e entendê-lo.

Os contos de fadas originais davam às crianças a esperança de que elas tanto precisam. A esperança de que os *goblins* debaixo de suas camas e os monstros dentro do armário têm corpo e rosto e de que existe um campeão que pode derrotá-los usando a inteligência, a cooperação e a razão, ou, então, com uma espada na mão. ▶





O que as crianças precisam apreender urgentemente das histórias infantis não são simplesmente lições de vida que tratam de cooperação, mas sim histórias que as ensinem a ser fortes e a acreditar na garantia salvadora de que é possível ser bem-sucedido – que os monstros podem ser mortos, que a injustiça pode ser redimida e que todos os obstáculos podem ser superados na dura estrada que leva à idade adulta.

**Qualidade** - Recentemente, a professora Kathy Silva, especialista em desenvolvimento infantil da Universidade de Oxford, na Inglaterra, apresentou mais provas científicas da importância das histórias na vida das crianças. Na pesquisa, a professora Silva entrevistou três mil crianças em idade pré-escolar e mostrou a necessidade de re-avaliação das crianças, investindo-se mais tempo, dinheiro e esforços nos primeiros anos. Juntamente com os colegas, ela estudou milhares de crianças em seus lares e uma de suas descobertas é de especial interesse.

Ela concluiu que as regras familiares (por exemplo, a família ser organizada, fazer as refeições juntos, a disciplina, etc.) têm menos importância para o desenvolvimento social das crianças do

que a leitura de histórias. As crianças que ouvem as histórias e que são incentivadas a ler os contos cooperam mais e são menos anti-sociais, além de serem mais adiantadas em termos cognitivos. Isto porque as histórias ajudam a se colocarem no lugar do outro, a entenderem como é ser um outro ser humano. Ou seja, as histórias fictícias e, naturalmente, os programas de televisão de boa qualidade que retratam a vida em família podem ensinar as crianças a desenvolver empatia emocional, valores, a se comunicar e a ter habilidades na administração de conflitos.

E a criança que tem a experiência de contar histórias ao mesmo tempo em que é cognitivamente mais avançada é, também, mais bem equipada para lidar com a vida do que aquela que não conhece as histórias.

Com a Ciência Social aprendemos que não existe apenas uma habilidade cognitiva ou um tipo de inteligência humana. Existem inteligências distintas aplicadas à linguagem, aos números, à música ou informação espacial, ao uso do próprio corpo, à interação com outros indivíduos, à auto-reflexão de nós mesmos e de nossos sentimentos. Todas as crianças normais possuem essa gama de inteligências – explicada na obra do professor Howard Gardner, da Universidade de Harvard, em seu livro “Frames of mind - the theory of multiple intelligences” (editado no Brasil com o título de “Estruturas da mente – A teoria das inteligências múltiplas”). Mas toda inteligência precisa ser desenvolvida e contar e ouvir histórias é a maneira mais eficiente de desenvolver as habilidades inter e intrapessoais da criança.

A importância de contar histórias não quer dizer que se deva aceitar qualquer livro, filme ou programa de televisão. Temos que escolher bem e decidir que tipos de histórias vamos contar às nossas crianças. A qualidade está acima de tudo e qualidade quer dizer muitas coisas.

**Diversidade** - Em primeiro lugar, pelas razões que desataquei, a crueldade nas histórias infantis não deve ser

amenizada. As histórias infantis devem, sim, ser adequadas a cada faixa etária, mas essa é outra questão. Elas devem ser autênticas e não tratar a criança como inferior. A produção de programas de qualidade para crianças também significa produzir histórias cômicas, tristes, envolventes, para elas e sobre elas. Quer dizer oferecer uma variedade de experiências televisivas que servirão de estímulo e alegria para a imaginação.

Do mesmo modo, os livros e a televisão devem registrar como é o ambiente para as crianças que vivem no mundo de hoje, onde elas estão, o que elas estão fazendo e que pessoas e lugares estão ao seu alcance. As crianças devem conhecer as pessoas que trabalham com jovens – professores, funcionários da saúde, assistentes sociais, a polícia – e elas devem entender os problemas enfrentados pelos deficientes, enfermos, solitários e idosos.

Em suma, elas devem conhecer a sociedade em que vivem do jeito que ela é. Comédias e desenhos que retratam situações ultrapasadas, programas baratos e maçantes não oferecem essa experiência. Nem programas de outras culturas.

É de grande importância para o desenvolvimento da identidade, con-

fiança e bem-estar das crianças que elas conheçam a sua própria identidade cultural. As crianças devem ouvir histórias de suas próprias tribos. As histórias universais têm que ser recontadas, mas sempre adaptadas a cada cultura. Pois se “a tribo não é dona de seus próprios sonhos, ela se torna uma tribo morta”. (Tony Morphett, roteirista australiano).

Em seu livro “The great disruption”, o historiador social Francis Fukuyama chega à mesma conclusão. Ele escreve: “As verdadeiras comunidades estão unidas por valores, normas e experiências que seus membros compartilham. Quanto mais profundos e fortes forem estes valores comuns, mais forte será o senso de comunidade. A preservação de nosso senso de comunidade é importante para o comportamento social humano responsável”.

No decorrer dos séculos, a narrativa oral serviu de elo entre grupos comunitários, e agora a narrativa impressa, a televisiva e a cinematográfica exercem a mesma função para populações maiores.

Como fundadora da Australian Children Television Foundation (ACTF) estou extremamente comprometida com o desenvolvimento e a produção de histórias de profundidade e qualidade dirigidas ao público infantil australiano.

**Subsídios** - É importante dizer que, em termos práticos, se não fosse pelo sistema de subsídios e regulamentação adotado pelos sucessivos governos australianos à estrutura de televisão desde quando ela começou, em 1956, seria impossível produzir esses programas. Filosoficamente, os governos australianos têm compartilhado dos valores que acabo de listar. Mas os governos precisam ser lembrados constantemente da importância da narração local, porque essas políticas custam dinheiro e, hoje em dia, forças do mercado global geram demandas que, por sua vez, provocam pressões muito fortes e conflitantes.

Todos sabemos que a programação infantil tem um preço. Mas se essa programação não existisse, os efeitos negativos sobre a nossa sociedade seriam tangíveis e o custo social ainda maior. A expressão “o impacto sobre a linha de base” tornou-se um clichê no mundo ocidental, mas é necessário enfrentá-la com um raciocínio estratégico.

Por volta de 1992, comecei a perceber que não seria mais viável produzir o tipo de programação que a ACTF queria sem a participação do capital estrangeiro. E esse dinheiro traria consigo um certo nível de posse, motivações diferentes e interferência em nossas idéias. A fim de dar continuidade ao nosso trabalho, precisávamos de parceiros compatíveis.

A idéia do Movimento da Cúpula Mundial começou, então, a surgir. Já que conseguimos ganhar a luta para intervir no mercado australiano com o objetivo de proteger a programação infantil local, por que não poderíamos aplicar as mesmas estratégias à programação regional ou internacional? Propus realizar a Cúpula durante o Prix Jeunesse, em Munique, em 1995.

Ao sediar a Primeira Cúpula Mundial em Melbourne, em 1995, o meu objetivo era construir uma base de pessoas afins no mundo todo, para formar um lobby poderoso, incentivar a produção de programas para

crianças onde esta produção não existisse e, ao mesmo tempo, encontrar parceiros que compartilhassem dos mesmos valores em relação à programação infantil.

**Americanização** - Tínhamos uma grande preocupação com as empresas de mídia norte-americanas que começavam a estender os seus tentáculos na Europa, Ásia, Austrália e América Latina. Em minha opinião, essas empresas prejudicam a diversidade. As crianças precisam de diversidade. Todos nós precisamos. Sem diversidade, a mente humana não pode florescer.

Cada um dos canais infantis dos Estados Unidos tem a sua própria receita de programação. Todos promovem uma marca e o toque local que dão é um bônus para o mercado. É uma produção motivada pela aparência e não pela substância.

Se a eficiência econômica fosse a única questão, faria sentido que toda programação fosse gerada nos Estados Unidos, pois nisso eles são muito bons. Porém, eles estão produzindo para uma cultura que é muito diferente da enorme variedade de culturas que existem fora dos EUA. A situação da programação infantil hoje em dia e das comunicações ►



em geral tem que ser inserida, num debate mais amplo sobre a globalização e as questões sociais que este movimento gerou.

A globalização deveria representar integração e unidade e, de uma maneira positiva, a globalização deveria significar o compartilhamento de culturas. Mas o seu foco principal é uma economia mundial em vez de economias nacionais separadas. A experiência da globalização na última década agora nos permite fazer alguns julgamentos. Sim, os preços de muitos bens fabricados caíram quando os mercados passaram a buscar a mão-de-obra mais barata para a produção. Mas esta tendência vem acompanhada de outras conseqüências.

Os arquitetos da globalização alegam que, se os países em desenvolvimento quiserem tirar os seus jovens da pobreza, a integração econômica internacional é essencial. Nenhum país jamais se desenvolveu a longo prazo sem comercializar. Mas a pergunta que as pessoas estão se fazendo agora é “comércio a que preço?”.

Nas recentes eleições no Brasil, 62 milhões de brasileiros votaram no novo líder Lula da Silva, que está tentando conduzir a América Latina em busca de um novo modelo econômico. Como todos sabemos, Lula rejeita as propostas norte-americanas de corte das tarifas sobre os produtos estrangeiros, enquanto os Estados Unidos aplicarem tarifas protecionistas em seus próprios produtos.

Cada vez mais, a globalização é considerada um eufemismo para a americanização. Os críticos estão questionando o impacto da globalização sobre os seus próprios cidadãos. No livro “The eagle’s shadow: why america fascinates and infuriates the world”, o autor Mark Hertsgaard afirma: “A nossa elite comercial

e política insiste que o nosso modelo deve ser o modelo mundial”; entretanto, a economia norte-americana coloca a riqueza nas mãos de cada vez menos pessoas. Noventa por cento de todas as ações estão nas mãos dos 10% mais ricos. E por incrível que pareça, um homem, Bill Gates, possui tanta riqueza quanto o total dos 40% mais pobres dos EUA.

**Dominação** - Este fato poderia ser apenas uma curiosidade interessante se todos nós não fôssemos tão afetados pelas opiniões e ações dos EUA em todas as esferas. Os EUA são o primeiro hiperpoder da história. Nenhum país foi tão dominante cultural, econômica, tecnológica e militarmente na história do mundo desde o final do Império Romano.

Como o poder dominante no mundo, os EUA têm a responsabilidade de lidar com as causas sociais e econômicas que nutrem a violência recorrente em culturas no mundo todo. Eles podem fazer isso por meio da cooperação internacional - a qual assistimos e experimentamos atualmente em desconcrença da situação com o Iraque - ou podem, pelo poder que detêm, impor a sua vontade sobre todos nós. Vivemos numa época muito interessante. Está claro que existem nações vocais que desejam manter o controle sobre o seu próprio destino e lidar com os acontecimentos à sua própria maneira.

Depois dos recentes e trágicos acontecimentos em Bali, onde 90 australianos foram mortos e muitos mais gravemente feridos por bombas terroristas, o nosso primeiro-ministro John Howard, numa clara demonstração de emoção, rapidamente traçou as diferenças entre os australianos e os americanos. Ele disse que na crise “somos todos amigos, ou companheiros”.

Disse também: “somos duros como tungstênio, mas também somos um povo delicado e amoroso”. Em toda a nossa história, a língua e as características do conceito de companheirismo permeiam a vida australiana. Cumprimentamos os desconhecidos dizendo *Como vai, companheiro? Desculpe, companheiro. O que posso fazer por você, companheiro?* O(A) nosso(a) parceiro(a) é o(a) nosso(a) companheiro(a). O conceito de companheiro é uma característica cultural que tem ajudado a manter a nossa coesão social.

Já nos EUA, os direitos do indivíduo são idolatrados. As oportunidades para o indivíduo são consideradas muito mais importantes. A admiração pela realização individual faz parte da cultura norte-americana. Os australianos não gostam quando o indivíduo se destaca do grupo - nós o colocamos de volta em seu devido lugar.

O primeiro-ministro australiano deu uma resposta ponderada e equilibrada à raiva e ao luto que o país sentia, mas quando perguntado sobre as palavras de guerra do presidente Bush, Howard respondeu: “Não é uma expressão que eu usaria... Os australianos e os americanos são muito



próximos, mas existem algumas diferenças importantes. Às vezes, as reações públicas e as reações dos líderes a esse tipo de coisa são exemplos dessas diferenças”. The Australian, 26-27 de outubro de 2002.

**Oportunidade** - No Brasil, agora vocês têm um novo líder com voz independente e vocês têm uma oportunidade única, não apenas de obter reforma econômica como também avanços culturais. É uma oportunidade de defender a programação infantil brasileira. Vocês podem ensinar ao governo que a programação é uma parte importante da educação infantil. De uma maneira ou de outra, a mídia atinge todas as crianças. E vocês não devem ensinar às suas crianças usando valores americanos. Vocês têm os seus próprios valores. E vocês têm grande número de crianças.

Só no Brasil, há 48,7 milhões de crianças em idade escolar. Hoje em dia, no Ocidente, as crianças representam menos de 20% da população. Alguns países árabes, latino-americanos e asiáticos têm populações em que 70% são menores de 20 anos. No Brasil, essa estatística é de 50%.

É óbvio que uma maneira eficaz de preservar as diferenças e os valores culturais é por meio da narração de histórias para as crianças. É claro que isso é importante para os americanos e deve ser igualmente importante para todos nós - brasileiros, latino-americanos, australianos, africanos e asiáticos. As regiões e os países separados têm as suas próprias histórias.

Para a grande maioria, o problema é que nesses tempos de mídia de massa e do marketing global internacional, o domínio norte-americano da cultura popular global, transformada em mercadoria, deixa pouco espaço para que as outras culturas existam e se manifestem (Ziauddin Sadr, *Meet the great Satan, the new statesman*, AFR, 6/9/2002).

Escolher torna-se uma tarefa árdua quando existem muitas horas de programação a serem preenchidas e muitas ofertas de programas norte-americanos baratos. E o desafio não se aplica apenas ao conteúdo televisivo, mas sim a todas as formas de comunicação. Estima-se que mais informação será criada no decorrer dos próximos três anos do que nos últimos 40 mil anos (Nathan Cochrane, *Managing the store*, The Age, 5/11/02).

Sim, sabemos criar informação e sistemas de comunicação extraordinários, mas no final das contas, o conteúdo é o que importa. A mera informação e os dados não são sinônimos de bom conteúdo. A programação dirigida por marcas e merchandising não quer dizer bom conteúdo.

O conteúdo de qualidade é resultado de uma educação que valoriza a curiosidade, a criatividade, idéias, uma vida mental. Agora, as escolas têm que ter computadores. A vida foi numa direção tal que hoje em dia é difícil funcionar na sociedade se você não souber usar um computador. Mas o uso do computador por si só parece não ter tido nenhuma influência sobre o desempenho educativo do aluno. Na

verdade, é possível que o computador tenha prejudicado a aprendizagem da Matemática, como mostra um estudo israelense recente. (Joshua D. Angist & Vistor Lavy, *New evidence on classroom computers and pupil learning*, Economic Journal, outubro de 2002).

Os dados e a informação têm que ser processados para que se transformem em conhecimento. Conhecimento quer dizer entender as coisas, saber colocá-las em contexto, saber aplicar as lições aprendidas. O paradoxo é que, embora hoje em dia exista mais informação disponível, talvez as pessoas sejam menos informadas. Hoje, cada vez mais filmes e programas de televisão estão sendo feitos, mas cada vez menos valem a pena serem assistidos.

**Temas** - Portanto, as questões que deverão ser tratadas na 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes são muito importantes. Destaco algumas: Como alimentar os valores culturais nacionais? Como investir na programação local? Como criar conteúdo significativo? Como resistir à banalidade e comercialização presentes na maior parte da programação existente hoje em dia? Como apoiar uns aos outros para que todos consigam dirigir o fluxo de programação em uma direção? e Como usar a mídia a favor da melhor educação para crianças?

É necessário fazer um esforço colaborativo maciço juntamente com governos, redes de comunicação, agências patrocinadoras, todas desempenhando os seus papéis. E vocês educadores são a ponte entre as crianças e a mídia, os pais e os governos.

Vocês não devem ficar alheios ao processo de decisão do conteúdo de mídia da programação para as crianças brasileiras. Nesse momento na história do Brasil, vocês têm um papel e uma oportunidade. Vocês podem ajudar as crianças. Vocês devem se envolver nesta questão. ■



# Seminário na pauta da Rede

A cena poderia estar em um filme futurista dos anos 70 do século passado: alunos e professores de escolas públicas que fazem vídeos, programas de rádio, fotos, jornais e sites, produzindo, mostrando e discutindo sua produção com educadores e especialistas interessados na relação da escola com as novas formas de constituir conhecimentos. Mas o **Seminário Latino-americano de Educação - a Escola na Idade Mídia**, promovido pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, em novembro, provou que, além de não ser mais ficção, os meios de comunicação foram definitivamente incorporados ao cotidiano escolar.

Reunidos no Riocentro durante todo o dia 19, 200 alunos da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, além de se apresentarem como consumidores de produtos de mídia, atuaram como repórteres na cobertura do evento e fizeram oficinas de produção, atividade fundamental para que professores e alunos possam desmistificar os meios de comunicação e desenvolver sua própria leitura crítica. Presentes ao encontro, o prefeito Cesar Maia e a se-

cretária de Educação, professora Sonia Mograbi, destacaram a importância do momento. Uma das preocupações da secretária é o efeito que a comunicação tem sobre a escola: "Sabemos que a nossa sociedade sofre com o impacto da mídia. Precisamos pensar de que maneira isto se reflete dentro da escola e qual é o papel dos educadores".

**Sem segredos** - A agilidade com que os alunos-comunicadores se moviam pelas instalações do Seminário deu uma idéia bem clara, sobretudo aos pesquisadores e educadores estrangeiros presentes, do nível de

sofisticação com que as escolas do Rio vêm trabalhando a questão das mídias. Mesmo não sendo uma atividade generalizada em todas as escolas, montar uma redação de jornal e produzir um jornal, impresso ou em vídeo, já é uma prática que alunos e professores tiram de letra. A redação montada em uma das salas do Riocentro não poderia ter sido mais convincente.

Em sintonia com a tendência atual, as rádios escolares marcaram presença com a produção das escolas-pólo do Programa de Educação pelo Trabalho, como as escolas municipais Ministro Gama Filho, de Lins de Vasconcelos, e José Emygdio de Oliveira, de Oswaldo Cruz, ambas na Zona Norte do Rio. Uma miniestação transmitiu músicas, recados, informes e *jingles*. Tudo feito pelos estudantes. Telões e computadores espalhados pela área do encontro mostraram os sites, vídeos e produções que ajudam a desmistificar os meios, como as montagens feitas a partir de fotos dos participantes. A pessoa era convidada a vestir um traje antigo antes de ser fotografada com uma máquina digital. Depois, a foto era transferida para o computador e tratada para parecer envelhecida. ▶

Marcos Ozório, diretor de Mídia e Educação da MULTIRIO; Regina de Assis, presidente da MULTIRIO; Sonia Mograbi, secretária Municipal de Educação; Geraldinho Vieira (Andi) e Patricia Edgar (WSMCF)



## O debate dos educadores

Enquanto os 200 alunos da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro mostravam o quanto os meios de comunicação já estão incorporados à sala de aula, 1.500 professores que participaram do **Seminário Latino-americano de Educação - a Escola na Idade Mídia** discutiram e refletiram com especialistas em comunicação e educação, de diferentes nacionalidades, propostas para a escola do século XXI, que está mergulhada em uma sociedade midiática.

Uma sociedade que o catedrático de Psicologia Evolutiva e da Educação, professor Álvaro Marchesi, da Universidade Complutense de Madrid, Espanha, responsável pela abertura do encontro, afirmou que acaba pondo *por terra* a idéia de que ensinar é transmitir conhecimentos: "Ao propiciar, hoje, um acesso veloz à informação, principalmente fora da escola, a mídia reformula o cotidiano dos indivíduos e do próprio ensino. Ensinar, atualmente, é despertar o desejo de aprender a viver, de cuidar da vida e de constituir conhecimentos e valores".

Papel que cabe à escola, ao professor, à família, como destacou Patricia Edgar, presidente da World Summit on Media for Children Foundation, movimento mundial, com sede na Austrália, que luta por uma mídia de

qualidade para crianças e adolescentes. Ao apresentar o trabalho de sua instituição, ela afirmou que a educação deve, portanto, valorizar a criatividade e a imaginação das crianças.

O assunto foi amplamente discutido por especialistas brasileiros e latino-americanos das áreas da Comunicação e da Educação nas mesas-redondas do seminário. Junto aos professores, eles debateram a relação entre as formas de constituir conhecimentos e

valores, a escola e a sociedade midiática. Na pauta do dia, foram debatidos quatro temas:

**Reconfiguração da Escola no Mapa Urbano** - Palestrante: Ubiratan D'Ambrósio, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O professor Ubiratan fez a relação entre a Idade Média e a Idade Mídia. Destacou que a historiografia mundial foi infeliz ao valorizar pouco a Idade Média, que abriu espaço para o Renascimento. A Idade Mídia seria também um prenúncio de nova era. Para ele, como se dá em toda era de transição, esta também exige reflexão. A educação neste início de século

deve formar indivíduos éticos, participativos e criativos para agir de forma cidadã. Apesar de reconhecer a sua importância, o professor acredita que a escola ainda contribui de forma modesta na educação das crianças e dos jovens, face à sociedade da informação em que se vive. Trata-se, portanto, de um desafio para os professores, formados em outra realidade. Atualmente, a criança se educa muito mais fora da escola. Cabe ao professor fazer esta ponte.

**Transformações nos Modos de Saber - Mídia e Ação Cultural na Escola** - Palestrantes: Ismar de Oliveira Soares, coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, e Joel Rufino dos Santos, professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O professor Ismar de Oliveira apresentou aos professores um novo campo de intervenção e atuação, chamado de Educomunicação. Para ele, as áreas da Comunicação e da Educação percorreram caminhos distintos, mas

sempre estiveram interligadas. O encontro destas duas áreas precisa ocorrer dentro da escola, na sala de aula, para que os alunos se tornem receptores críticos da mídia e de seus produtos. O professor Joel Rufino afirmou que a velocidade da informação nem sempre é positiva. Ele prefere apostar no que chama de Pedagogia da Lentidão. "É preciso ser lento, não ter pressa de levar a criança. Deve-se caminhar junto a ela". Joel Rufino entende que a escola deve incentivar a *palavra* entre os alunos. Falar, segundo ele, é um ato de repetição, *palavrear* é um ato de liberdade.

A coordenadora da Divisão de Mídia-Educação da SME, Simone Monteiro de Araújo, tem certeza de que a escola está no caminho certo ao incorporar o entendimento e a produção de mídia à sua prática: "Os alunos se identificam com estas linguagens, pois elas estão presentes no cotidiano deles. A escola não pode ignorar isso. Pelo contrário, deve incentivar".

Foi pensando nesse incentivo que a SME, além de abrir espaço para as exposições e minirredações e estações de rádio, organizou - para o seminário - sete oficinas que desenvolveram atividades de animação, edição de jornal digital, realização de peças comerciais para TV e técnicas de fotografia.

Marco Magalhães, um dos diretores do Anima Mundi, coordenou a oficina "Animando a Imaginação com Pixilation" - cinema de animação feito com atores, que posam quadro a quadro, criando movimentos impossíveis de se obter com o corpo na vida real. Para ele, a *pixilation* vai além da questão das mídias: "Trata-se de uma técnica que motiva

a imaginação e a expressão corporal do aluno". A questão crucial, porém, continua sendo o poder que a TV exerce sobre sua audiência. Por isso, todo o esforço nesse campo tem sido o de formar o telespectador crítico, aquele capaz de fazer escolhas e constituir suas próprias opiniões e valores a partir do que vê. Nesse sentido, a oficina de comerciais para a TV, coordenada pela educadora Giane Neves, da TV Maxambomba, do Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip), demonstrou como atingir o alvo: "Discutimos o tema, depois eles produziram as propagandas em vídeo. Por meio deste exercício, eles descobrem que é preciso escrever um roteiro, filmar e editar o material, para que se tenha o produto final. O trabalho acaba levando a uma outra visão do mundo da TV". ■

a imaginação e a expressão corporal do aluno".

A questão crucial, porém, continua sendo o poder que a TV exerce sobre sua audiência. Por isso, todo o esforço nesse campo tem sido o de formar o telespectador crítico, aquele capaz de fazer escolhas e constituir suas próprias opiniões e valores a partir do que vê. Nesse sentido, a oficina de comerciais para a TV, coordenada pela educadora Giane Neves, da TV Maxambomba, do Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip), demonstrou como atingir o alvo: "Discutimos o tema, depois eles produziram as propagandas em vídeo. Por meio deste exercício, eles descobrem que é preciso escrever um roteiro, filmar e editar o material, para que se tenha o produto final. O trabalho acaba levando a uma outra visão do mundo da TV". ■



#### Meios Massivos e Identidades Culturais na Escola -

Palestrantes: Pablo Ramos, coordenador da rede Unial, de Cuba, e Rosa Fischer, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os dois palestrantes destacaram a necessidade do diálogo entre a mídia e a escola: "É preciso saber como as imagens são construídas e a partir daí ressignificá-las", disse Rosa Fischer. Ela citou algumas imagens veiculadas pela mídia a respeito das crianças, sobre as quais professores e alunos deveriam refletir: a criança vista como

futuro e a criança como um ser inacabado. Os palestrantes acreditam que a mídia retrata a criança como um adulto em miniatura. Eles defendem a escola que abre espaços de criação em diferentes linguagens, onde o aluno possa explorar a comunicação a partir do seu contexto, do seu ponto de vista, da sua subjetividade, o que nem sempre é levado em conta pelos produtores.

**Diferentes Modos de Ler** - Palestrantes: Daniel Alejandro Link, professor titular de Literatura do Século XX, da Universidade de Buenos Aires, e João Wanderley Geraldi, professor do departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Para os palestrantes, a escola, como instituição social, precisa repensar seu papel dentro de uma sociedade imersa nos avanços tecnológicos. Por trabalhar com o conhecimento, a escola precisa se preocupar com a formação dos novos leitores. Por conta disso, é necessário refletir sobre o tipo de

relação que se quer ter com a mídia e com o conhecimento. Trata-se, com certeza, de uma nova relação entre educação e comunicação, diferente da que existe hoje. Daniel Alejandro ressaltou que a escola precisa de educadores e alfabetizadores digitais, o que exige um novo tipo de leitura do mundo. Wanderley Geraldi fez também uma análise da contribuição do mundo moderno ao cotidiano das pessoas, ressaltando que, hoje, temos mais acesso às informações e que um bom leitor de livro é também um bom leitor de outros textos, como jornal, revista e internet.

## Qualidade em discussão na Cúpula de 2004

**Na defesa de mídias de qualidade para crianças e adolescentes, que favoreçam a constituição de conhecimentos e valores, além de distrair e de instigar, tanto sob o ponto de vista do enriquecimento cultural quanto do exercício pleno da cidadania, educadores, pesquisadores, distribuidores e financiadores da indústria da mídia dos cinco continentes participaram, em novembro passado, do lançamento oficial da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, que a cidade do Rio de Janeiro sediará em abril de 2004.**

Durante quatro dias, cerca de 70 profissionais - que trabalham com mídia de qualidade, educação, cultura e entretenimento ou com interfaces e áreas afins - reuniram-se para definir as propostas que formularão o conceito, o formato e o programa da cúpula de 2004. Em grupos de trabalho, os participantes traçaram as linhas mestras de cada um dos quatro dias da cúpula. Realizado a cada três anos, o encontro de 2004 debaterá o tema *Mídia de todos, Mídia* ▶

Profissionais de várias áreas se reuniram para definir os temas que serão debatidos na Cúpula de Mídia de 2004.





para todos, com algumas diferenças em relação aos anteriores. Nesta cúpula, a TV, o rádio e a internet, assim como os vídeos e as produções, também estarão em debate. Outro diferencial é que os latino-americanos e os africanos deverão sair mais valorizados e fortalecidos a partir dos compromissos que deverão ser estabelecidos na 4ª Cúpula entre produtores e distribuidores de mídia. Compromissos que garantirão possibilidades de conhecimento, trocas e intercâmbios que, certamente, impactarão a qualidade das suas produções.

Regina de Assis, presidente da MULTIRIO e *chairperson* da 4ª Cúpula, explica o que se quer com mídia de todos, dos hemisférios Norte e Sul: "Mídia que pode ser intercambiada, pesquisada, produzida e distribuída de forma mais equitativa e que esteja voltada para todas as crianças e adolescentes de todo o mundo. Traremos ao debate a responsabilidade social da indústria, dos governos e da sociedade por uma mídia de qualidade".

Este debate, na avaliação de Patricia Edgar, presidente do World Summit on Media for Children Foundation, que deu origem ao evento, e presidente da Fundação de Televisão Infantil da Austrália, indica o amadurecimento do sentimento de responsabilidade social dos cidadãos de todo o mundo: "E o fato de ser sediada, pela primeira vez, na América Latina é extremamente importante, pois trata-se de um mercado cuja população jovem é imensa, o que vem despertando cada vez mais o interesse dos grandes produtores e distribuidores de mídia".

Uma discussão que se faz necessária, não só no Brasil, mas em todos os países, como explica Anna Home, da Fundação de Cinema e TV para Crianças do Reino Unido: "As crianças e os adolescentes precisam de uma mídia de qualidade produzida não só por alguns países ou grupos, mas por todo o mundo. É preciso pensar nisto e lutar por isto". O que na opinião de Beth Carmona, presidente do Centro Brasileiro de Mídia para Crianças e Adolescentes (Midiativa), organização não-governamental com sede em São Paulo que também apóia a cúpula, não acontece ainda no Brasil: "Esta discussão ainda está para acontecer no país. Enquanto no exterior o tema faz parte da pauta do dia, aqui ele não tem muito espaço. Acredito que a cúpula servirá justamente para deslanchar o debate sobre a mídia de qualidade que também se faz no Brasil". ■

**Cerca de 70 profissionais das áreas de mídia e de educação dividiram-se em quatro grupos, responsáveis por delinear o formato de cada um dos quatro dias da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças. Veja algumas das propostas:**

#### Primeiro dia

**Objetivo** - Apresentar aos participantes da 4ª Cúpula a situação mundial da produção de mídia para crianças e adolescentes.

- Em vez de se resumir a uma exposição massiva de dados numéricos e gráficos, essas informações deverão estar disponíveis e em exposição permanente compondo os ambientes da 4ª Cúpula.
- Uma *galeria do futuro* deverá recriar dentro da cúpula a situação mundial no que diz respeito à mídia.

#### Segundo dia

**Objetivo** - A partir do quadro mundial exposto no dia anterior, apresentar os grandes problemas enfrentados sob o tema Mídia e Sociedade. Não só pelos latino-americanos, asiáticos, africanos, mas por todo o mundo. O planeta entra em uma crise econômica importante, que afeta a indústria da mídia também. Há canais fechando e produtoras diminuindo seu efetivo.

- Analisar a qualificação da audiência para a mídia de qualidade e a qualidade da recepção.
- Analisar o papel da escola, das comunidades, do terceiro setor e das próprias mídias, qualificando a recepção de seus usuários.

#### Terceiro dia

**Objetivo** - Mapear experiências bem-sucedidas.

- Por meio de mesas-redondas de apresentação de *cases*, *workshops* e pequenas mostras, este dia deverá seduzir os presentes para a possibilidade de se conquistar, ao mesmo tempo, êxito e excelência, nas produções para crianças e adolescentes. O tema condutor do terceiro dia será, justamente, excelência e criatividade.

#### Quarto dia

**Objetivo** - Apresentação de desafios e compromissos.

- A questão sobre financiamento, identidade, legislação e a necessidade da integração entre pesquisa e produção deverão estar em discussão neste dia.
- Propõe-se, ainda, a criação de um mascote representativo da 4ª Cúpula, que corra o mundo até a realização do próximo encontro.



# Os alunos com a mão na massa



**Na hora do recreio os estudantes dão o seu recado pelas rádios escolares. Recados, pesquisas e projetos que também podem ser conferidos na rede mundial de computadores. Hoje a internet hospeda várias páginas das escolas da Rede Municipal de Ensino. Além da linguagem web, os jovens também já dominam técnicas de vídeo, produzem animações e ensaios fotográficos. Isso sem contar a elaboração de informativos, jornais e livros eletrônicos. São estudantes usando o aparato tecnológico para produzir a sua mídia livremente, com direito de autonomia, criatividade e, seguramente, com muito orgulho.**

Que o diga, por exemplo, a aluna Ana Lúcia Queiroz, 13 anos, da Escola Municipal Ministro Gama Filho, Lins de Vasconcelos, Zona Norte do Rio de Janeiro: "Somos estudantes privilegiados, já que podemos mexer com estes meios de comunicação. Somos receptores da mídia, mas aprendemos também a ser autores. Me sinto importante. Isto é muito bom para mim, para o meu grupo, para a minha escola".

**Rádio** - Ana Lúcia é uma das muitas alunas que participa há quatro anos da Oficina de Rádio do Pólo de Educação pelo Trabalho da Gama Filho. Assim como seus colegas, ela já assumiu mais de uma função na ministação: foi locutora,

apresentadora e repórter. Com duração média de 30 minutos, as transmissões acontecem na hora do recreio para atingir maior número de ouvintes.

Música, recadinhos, debates, campanhas, entrevistas... A programação das quatro estações da escola - *Nova Geração*, *Pop Star* e *Zoação* - tem de tudo. Conta, inclusive, com *jingles*, chamadas e pequenos comerciais que dão dicas de como evitar acidentes, melhorar nos estudos e se prevenir contra doenças, como a dengue.

Ao mesmo tempo, a rádio também é utilizada como veículo de reflexão sobre a própria mídia. Recentemente, por exemplo, os estudantes fizeram uma pesquisa entre eles sobre ▶



Alunos produzem fotonovela na Escola Municipal Fernando Azevedo e um programa de TV na Arthur da Costa e Silva

a qualidade dos programas da TV brasileira destinada aos jovens - um prato cheio para os professores, que puderam debater a importância de se ter uma visão crítica da mídia.

Cléia Aloise, professora responsável pela oficina, explica que o conteúdo de toda a programação de uma rádio escolar pode e deve ser aproveitado em sala de aula: “É o trabalho interdisciplinar que a atividade proporciona. A letra da música pode ser analisada pelo professor de Língua Portuguesa. O debate pode ser organizado pelo professor de História. São apenas alguns exemplos. Desta forma, a aula torna-se mais contextualizada e os estudantes ficam mais interessados”.

A oficina da Gama Filho é a mais antiga da rede. Começou a funcionar em 1998, com apenas oito alunos em uma pequena sala improvisada. A mini-estação tinha apenas um amplificador, um aparelho de som do tipo três-em-um (toca-fitas, rádio e toca-discos) e duas caixas de som pequenas, instaladas no pátio da escola. O *slogan* da emissora Nova Geração mostrava a determinação dos iniciantes: *não somos o futuro, somos o presente de uma nova geração*.

**Vídeo** - Geração que com uma câmera na mão também vem desenvolvendo ótimos trabalhos. Na Zona Oeste do Rio, em Santa Cruz, localiza-se a Escola Municipal Fernando de Azevedo. Lá, os alunos montaram uma fotonovela e um vídeo sobre a construção da Estrada Real de Santa Cruz, que ligava o Morro do Castelo à residência de verão, em Santa Cruz, de Dom Pedro I. O roteiro, a gravação e o figurino ficaram por conta dos estudantes. O trabalho de pesquisa ajudou os jovens a resgatar a história do bairro onde vivem.

Este é também o objetivo da TV Pedagógica Adão Pereira Nunes – projeto do Ciep Doutor Adão Pe-

reira Nunes, em Irajá, Zona Norte do Rio de Janeiro. Depois de uma reunião de pauta, acompanhada pelos professores, os alunos saem filmando pelas ruas do bairro. Discutem assuntos de interesse da comunidade, como a preservação do meio ambiente e a violência, como explica a coordenadora pedagógica Gisele Cardoso Cordeiro: “Utilizamos a televisão como veículo de expressão dos nossos alunos. Participando de todas as etapas de uma filmagem, a imagem da TV é desmistificada. Acabamos criando cidadãos mais conscientes e críticos e, por consequência, mais exigentes de uma mídia de qualidade”.

Qualidade que é seguida à risca também do outro lado da cidade. Na Zona Sul, em Botafogo, os estudantes da Oficina de Vídeo do Pólo de Educação pelo Trabalho, da Escola Municipal Presidente Arthur da Costa e Silva, produzem programas que auxiliam o professor na sala de aula, além de entrevistas e bate-papos com a comunidade escolar. Muito mais do que diversão, o professor responsável pelo projeto, Túlio Antunes,

avisa que a produção de vídeo vem servindo para formar crianças e adolescentes mais críticos e criativos.

Criatividade que, segundo um dos diretores do Anima Mundi, Marco Magalhães, os estudantes têm de sobra: “Os jovens nos surpreendem o tempo todo. Está tudo na cabeça deles, é só dar um empurrão”. Marco Magalhães, junto a sua equipe, vem percorrendo algumas escolas da rede para ensinar a técnica da animação.

**Animação** - Nesta atividade, pequenos grandes artistas têm se revelado. É o caso, por exemplo, dos alunos da Escola Municipal General Tasso Fragoso, em Padre Miguel, Zona Norte, e Escola Municipal Bertha Lutz, em Pedra de Guaratiba, Zona Oeste. Eles aprenderam a técnica de animação chamada *pixilation*, cinema de animação feito com atores, que posam quadro a quadro, criando movimentos impossíveis de se obter com o corpo na vida real.

Fabiola dos Santos Silva, de 16 anos, da 8ª série, da Escola Municipal General Tasso Fragoso, diz que a técnica de animação despertou sentimentos que não

conhecia: “Com a animação, criamos histórias e damos vida aos personagens. Descobri o quanto eu sou criativa e cheia de imaginação. O fato de dominarmos a técnica e poder conduzir o nosso próprio produto é fantástico. Eleva a nossa auto-estima, pois mostra o quanto também somos capazes.”

**Web** - As páginas elaboradas pelos alunos na internet também provam isto. Com ou sem grandes recursos tecnológicos, muitas escolas vêm se destacando. Conectados à grande rede, os alunos criam sites, exercitando a habilidade de trabalhar em equipes, o raciocínio lógico, a leitura, a escrita e a imaginação.

Um dos trabalhos interessantes foi realizado na oficina de informática do Pólo de Educação pelo Trabalho da Escola Municipal General Humberto de Souza Mello, localizada em Vila Isabel, Zona Norte do Rio de Janeiro. Junto a seus alunos, a professora Tânia Antunes desenvolveu o projeto *Revista aos grandes mestres da pintura*. Trinta e três alunos desenvolveram sites sobre a vida de pintores famosos, como Salvador Dali, Tarsila do Amaral, Goya e Van Gogh.

Quando a escola trabalha com a informática, o aluno sente-se integrado ao dia-a-dia do mundo moderno e valorizado, como destaca a diretora-adjunta Ana Maria Bittencourt: “Depois de iniciado o trabalho, as faltas diminuíram e os alunos passaram a demonstrar maior interesse em participar das atividades. O uso da internet traz diversos benefícios aos estudantes, principalmente nas aulas de Português. À medida que os alunos realizam pesquisas na web, lêem mais textos, ampliam o vocabulário e descobrem novos conteúdos”.

E redescobrem também um pouco de sua origem. Foi o que possibilitou, por exemplo, o trabalho *Campo Grande: sua terra, sua gente*, site produzido pelos alunos do Pólo de Educação pelo Trabalho da Escola Municipal Doutor Jair Tavares de Oliveira, Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Os estudantes reconstruíram a história de Campo Grande por meio de entrevistas a antigos moradores e visitas a pontos importantes da região. As visitas e as entrevistas foram filmadas e fotografadas e, em seguida, digitalizadas, transformando-se em um documento audiovisual riquíssimo.

**Foto** - Rico também foi o trabalho fotográfico realizado pelos alunos da Escola Especial Marly Fróes Peixoto, Jardim Botânico, e na Escola Municipal Christiano Hamann, Gávea, ambas na Zona Sul do Rio de Janeiro. Onze alunos, seis deles portadores de necessidades especiais, participaram da oficina Photos & Graphias, onde descobriram que o ato de fotografar é sinônimo de integrar, incluir e apropriar-se da linguagem escrita e

visual. Durante as aulas, eles aprenderam, além de teoria, a analisar as fotografias de acordo com o seus pontos de vista.

Um dos trabalhos que mais chamou a atenção dos professores foi uma carta-denúncia. Em passeio ao Parque Lage, vizinho às duas escolas, os alunos observaram que a cidade não dispõe de boa infra-estrutura para locomoção de portadores de necessidades especiais que usam cadeiras de rodas. De posse das máquinas fotográficas, os alunos não pouparam cliques e construíram uma história da pequena odisséia empreendida rumo ao parque.

As fotos mostraram o olhar dos estudantes portadores de necessidades especiais. A professora Cláudia Percegoni, coordenadora do projeto, destaca que a produção das imagens fotográficas do cotidiano dos alunos trabalha o olhar e a percepção visual deles próprios: “A fotografia é muito mais do que uma arte e é neste sentido que pode tornar-se aliada de alunos e professores”.

**Impressos** - O mesmo pode se dizer dos inúmeros jornais

escolares espalhados pela rede. Praticamente quase todas as escolas possuem um informativo, recheado de notícias, poesias, fotos, desenhos e recados dos alunos. Assim são as publicações da Escola Municipal Joaquim Abílio Borges, localizada no Humaitá, Zona Sul do Rio de Janeiro. Trata-se do “JAB - Notícias”, confeccionado pelos alunos da 8ª série. Há também o Edgarzinho, da Escola Municipal Ministro Edgard Romero, Madureira, Zona Norte do Rio de Janeiro. O jornal mescla notícias dos professores e dos alunos, tendo como tema central um dos itens do Projeto Político-pedagógico da escola: *Sonhamos, queremos... um tempo melhor!*

Quando o assunto é mídia, os alunos Silas de Melo Silva, da Escola Municipal Pernambuco, Maria da Graça, Zona Norte do Rio de Janeiro, e Fernanda Diniz da Silva, da Escola Municipal Narcisca Amália, Ilha de Guaratiba, Zona Oeste do Rio de Janeiro, sabem exatamente o que as crianças e os jovens da Rede Municipal de Ensino do Rio querem. ■

“Queremos que as crianças do mundo real possam se ver na TV. Queremos personagens que quebrem preconceitos. Queremos programas de rádio e TV que ouçam e respeitem a nossa opinião. Onde tenhamos a liberdade de dizer o que pensamos. Queremos programas de TV, jornais, de rádio e sites da internet feitos por nós, aqui no nosso país, e em qualquer lugar do mundo! Esperamos que todas as crianças, inclusive as portadoras de necessidades especiais, se vejam representadas nas mídias. Todas as crianças devem ser tratadas com igualdade!”

Mensagem dos alunos Silas de Melo Silva, da Escola Municipal Pernambuco, e Fernanda Diniz da Silva, da Escola Municipal Narcisca Amália, no lançamento da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes





# De festa pagã a celebração cristã

Toda escola tem um extenso calendário de datas que é comemorado de forma coletiva. São as chamadas efemérides que celebram eventos, tradições e passagens que culturalmente têm significado para a sociedade, como o dia da independência do país, o dia da árvore, o carnaval, a festa junina, o dia do índio, o dia dedicado às mães e aos pais. No entanto, muitas destas festividades são comemoradas todos os anos, na maioria das escolas, sem que o aluno saiba o seu real significado histórico e cultural, o que resulta, muitas vezes, em trabalho mecânico e de pouco valor educativo.

Pesquisando e refletindo criticamente a origem destas comemorações com a comunidade escolar, o professor poderá identificar os processos de construção da identidade do povo, constituindo assim conhecimentos e valores junto aos alunos. Os estudantes então percebem o quanto são ricas as histórias de cada cultura.

**Fim de ano** - O Natal e as festas de *réveillon* são ótimos exemplos para este trabalho, que pode ser feito antes do final das aulas. Para as culturas cristãs, o período natalino é época de enfeitar as árvores, de trocar presentes e de preparar a grande ceia; enfim, de festejar o nascimento de Jesus Cristo, o filho de Deus.

Celebração antiga que passou a ser comemorada, com este propósito, a partir do século V, mas que já existia desde a chamada Pré-História, como explica o historiador da Uni-

versidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), professor Edgar Leite: “A festa sempre existiu, muito antes do Cristianismo. O dia 25 de dezembro era uma celebração bastante conhecida no hemisfério Norte. Chamava-se Festa da Luz e comemorava o solstício de inverno. Os povos festejavam o dia do *Sol Invencível*, em homenagem ao deus Mitra, culto que os soldados romanos haviam adotado e difundido em toda Europa”.

**Festa pagã** - A celebração de 25 de dezembro era, portanto, a festa pagã do Sol, personificado em Mitra, que foi o último dos deuses pagãos a resistir ao avanço do culto cristão em toda a Europa e parte da Ásia. Com o crescimento e a difusão do Cristianismo, a Igreja acabou utilizando a Festa da Luz para celebrar o nascimento de Jesus Cristo, que era para a sua doutrina a luz do novo mundo. Uma tradição seguida apenas pelo povo cristão.

Muçulmanos e judeus, por exemplo, nunca comemoraram a data. Boa parte deles até reconhece a figura de Jesus Cristo, mas apenas como um profeta. O calendário adotado em cada uma dessas culturas também é diferente.

O mundo ocidental é regido pelo calendário gregoriano. Já os muçulmanos e judeus seguem o calendário lunar. Só para se ter uma idéia da diferença, os judeus estão no ano 5763. O calendário judaico é contado desde 3761 a.C. Os muçulmanos estão no ano 1423.

Diferentes culturas e religiões, diferentes tradições, festejos e cultos. “Nem melhores nem piores, apenas diferentes e que merecem ser respeitados”, avisa a professora Solange Jordão, do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). Debater com os alunos como as diferentes culturas comemoram o Natal e as festas de Ano-novo é uma boa dica para também estudar a história dos povos. A *Nós da Escola* reuniu algumas informações sobre como as festividades de fim de ano são comemoradas em diferentes religiões e crenças.

**Muçulmana** - Na religião islâmica não se acredita que Jesus Cristo seja filho de Deus; portanto, não se comemora o dia do seu nascimento. O Natal para a religião islâmica não existe. O calendário adotado não é o gregoriano. É baseado no ano lunar e começou a ser contado a partir do dia 16 de julho de 622, quando o profeta Maomé, fundador da religião, fugiu de Meca para Medina. Nesta ocasião celebra-se o Al-Moharam, o Ano-novo no calendário muçulmano. Há duas grandes festas na cultura muçulmana: Aid as-Saghir, que marca o fim do jejum do mês de Ramadã – ritual que dura um mês, no qual as pessoas não podem beber, comer e ter relações sexuais do nascer ao pôr-do-sol; e Aid al-Kabir, que celebra os 70 dias do fim do Ramadã.

**Judaica** - Os judeus também não comemoram o nascimento de Jesus Cristo e continuam esperando pelo Messias. No entanto, celebram quase que na mesma época o Hanuká ou a chamada Festa das Luzes, que começou a ser celebrada no século II a.C., lembrando o episódio no qual os judeus conseguiram reaver um templo sagrado que estava sob o domínio dos gregos. Todo dia 25 do mês judeu de Kislev - perto do dia 22 de dezembro (calendário gregoriano) - os fiéis acendem uma vela em um candelabro especial. Os festejos são realizados por oito dias consecutivos. Apesar do significado diferente da celebração cristã, a comemoração judaica inclui comidas típicas e troca de presentes, influências do Cristianismo.

**Budista** - Os budistas não acreditam em Cristo, mas, sim, na filosofia de vida pregada por Buda, o príncipe hindu Siddharta Gautama, que viveu quando a Índia era o berço de uma grande civilização, igualável à da Grécia antiga. O termo Buda é um título, não um nome próprio. Significa aquele que sabe, ou aquele que despertou, e se aplica a alguém que atingiu um nível superior de entendimento e a plenitude da condição humana. A data budista é comemorada na primeira lua cheia de maio, quando nasceu Siddharta. As sociedades se reúnem bem cedo nos templos para uma grande confraternização.

**Umbanda** - Religião que surgiu no Brasil a partir de di-▶

ferentes influências do candomblé, trazido pelos negros, dos rituais indígenas e do homem branco. Para a umbanda, Jesus Cristo é Oxalá, filho de Obatalá, que representa Deus. Na época do Natal, a religião também comemora o nascimento de Jesus Cristo. Não há celebrações nem cultos, apenas uma tradição de ajudar ao próximo. A umbanda também segue o mesmo calendário cristão. Na virada do ano, os fiéis vão para a praia para pedir proteção à rainha do mar, Iemanjá. O mar é símbolo de purificação. Um mergulho no mar e uma oferenda a Iemanjá representam ritual de purificação, limpeza, proteção, preparação para o ano que vai começar.

**Indígenas** - Cada tribo indígena tem suas próprias divindades. As festas da sociedade indígena estão ligadas às fases da lua e à sua repetição cíclica. Algumas tribos, como a dos guaranis, conheciam duas estações: a do sol (coaraci-ara) e a das chuvas (almana-ara). Os caingangues, no sul do Brasil, contavam até dez dias passados ou futuros, usando os dez dedos das mãos. O Quarup, por exemplo, é a cerimônia mais importante do calendário indígena do Brasil. Trata-se de uma celebração aos mortos. Acontece todo ano em agosto ou setembro. Na festa, as aldeias se reúnem para uma série de atividades que atravessam a noite e só terminam no dia seguinte. ■

## O Natal e o Ano-novo pelo mundo

**Como o Natal é a comemoração do nascimento de Jesus, apenas as culturas cristãs celebram a data. Só que mesmo entre os países cristãos há lugares em que as comemorações são diferentes. O mesmo acontece com as festas de fim de ano. Cada país tem suas características.**



**Noruega** - As crianças recebem os presentes não das mãos do Papai Noel, mas sim do chamado Nisse, duende que habita as florestas geladas da região. Na véspera de Natal, as famílias deixam para ele uma tigela de mingau do lado de fora das casas. Em troca, traz os presentes, que são distribuídos ao redor de uma árvore.

**China** - Na China o Ano-novo é celebrado durante seis semanas entre os meses de janeiro e fevereiro. Tradicionalmente, nesse período os chineses fazem uma bela faxina em suas casas para espantar os maus espíritos e atrair boa sorte. Na noite da véspera do novo ano, todas as luzes ficam acesas para representar calor humano, amizade e reconciliação. À meia-noite, há uma grande queima de fogos. Os chineses acreditam que o barulho do foguetório espanta os espíritos indesejáveis. No Natal, as casas são enfeitadas com lanternas e árvores com correntes e flores de papel.

**Dinamarca** - Depois de uma ceia à base de peixes e batatas, os dinamarqueses aguardam ansiosamente pela meia-noite. Quando o relógio está prestes a soar as doze badaladas, todos na família sobem em cadeiras. Assim que dá meia-noite, pulam da cadeira para o novo ano e brindam com champanhe.

**França** - Na França as pessoas costumam preparar ostras e diversos frutos do mar para a ceia de Ano-novo. Durante o Natal, as crianças trocam presentes. Os adultos só durante as festividades do Ano-novo.



**Áustria** - Os austríacos têm o hábito de jogar chumbo derretido num copo com água no momento em que o relógio soa a zero hora de um novo ano. As figuras que surgem quando o chumbo esfria são guardadas pelas pessoas como um amuleto que irá ajudar na realização dos pedidos feitos na passagem do ano.

**Estados Unidos** - O Natal norte-americano é rico em cor e brilho. Semanas antes do Natal, milhões de pessoas percorrem as ruas das cidades em busca dos presentes para a família. As decorações das lojas e *shopping centers* são conhecidas pela televisão e pelo cinema. Nas casas, a decoração com lâmpadas coloridas, bonecos de neve, velas vermelhas e guirlandas feitas de plantas verdes completam o clima natalino. Na véspera de Natal vizinhos se unem para cantar. As crianças penduram meias na lareira e na manhã do dia 25 de dezembro abrem os presentes tão sonhados. O prato típico norte-americano é o peru recheado acompanhado de frutas tropicais.



**Suécia** - As festas de Natal começam no dia 6 de dezembro, dia de São Nicolau. Nesse dia as crianças escrevem suas cartas de pedidos, que São Nicolau troca por um saquinho de balas ou nozes. Os presentes chegam no dia 25. Na noite de Natal, a filha mais velha se veste de branco com uma faixa vermelha amarrada na cintura e uma grinalda de folhas verdes com sete velas acesas na cabeça. Ela leva - para cada membro da família - café e bolinhos em seus respectivos quartos.

**Itália** - A principal entrega de presentes ocorre no dia 6 de janeiro, em lembrança à visita dos Reis Magos ao menino Jesus. As crianças esperam a visita da velha senhora Befana que traz presentes para os bons e castigo para os maus meninos. De acordo com a lenda, os três Reis Magos pararam durante a ida até Belém e pediram comida e abrigo a uma velha senhora. Ela negou ajuda e então eles seguiram a viagem com fome e cansados. A velha senhora sentiu depois um aperto no coração, mas os Reis Magos já estavam muito longe. A lenda conta que a Befana ainda vaga pelo mundo procurando o menino Jesus e tem várias formas: uma rainha, uma fada, uma velha ou uma bruxa.



**Índia** - Os cristãos na Índia decoram pés de manga e bananeiras no Natal e também utilizam pequenas lâmpadas de argila, acesas com óleo, para decorar suas casas.

Fonte - Guia dos Curiosos, de Marcelo Duarte, Cia das Letras 1998

# Animação: uma proposta interdisciplinar

**“Compreender o papel das linguagens como instrumento de mediação transformadora no diálogo do homem consigo próprio, com o outro e com o mundo e que estas linguagens transformadoras podem ser dirigidas à compreensão entre grupos sociais, cidades, estados e países em busca da Paz e da convivência digna construtiva”.** (MultiEducação)

Trabalhar a formação crítica, a interdisciplinaridade e a criatividade de crianças e adolescentes recorrendo à arte da animação. Pode parecer uma atividade complicada e árdua, mas o trabalho vem sendo realizado pela equipe de animação da MULTIRIO - em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação (SME) - e está provando exatamente o contrário.

Desde o ano passado, a Divisão de Mídia e Educação da MULTIRIO aposta nos projetos especiais de desenhos animados que, junto às escolas da rede, desenvolve três atividades: a chamada oficina “Carta Animada pela Paz”, na qual alunos realizam vídeos animados; a criação e a formatação de uma série animada sobre personagens do folclore brasileiro; e a realização de exercícios e filmes de animação com estudantes portadores de necessidades especiais do Instituto Helena Antipoff (IHA).

A idéia é levar para as escolas a técnica e a linguagem da animação e, a partir disto, deixar que as crianças criem suas próprias histórias ou que, junto a outros profissionais, construam os personagens, os conteúdos e os roteiros de toda a produção. Nesta empreitada, os jovens não são meros realizadores. São, sim, cidadãos que expressam, por meio dos desenhos, suas opiniões e angústias. Sentimentos, desejos e sonhos.

Este trabalho é feito para as crianças e com as crianças, como explica a assessora artística e coordenadora dos projetos Patrícia Alves Dias: “A animação é uma linguagem direta e universal e qualquer pessoa, de qualquer idade, pode não apenas ser espectadora como produtora e realizadora. É aí que está a magia. Não é preciso o uso de uma câmara ou de diversos recursos de informática. Até mesmo em um bloquinho de papel, uma idéia pode ganhar movimento. Di-

zem que animação é a linguagem do impossível. O projeto “Carta Animada pela Paz”, por exemplo, prova isso na prática porque mostra quanto é interdisciplinar sua aplicação. E é por isso que animação pode ser vista como uma tradução das Diretrizes Curriculares Nacionais e da MultiEducação”. ▶

**Alunos do Ciep Zumbi dos Palmares, Coelho Neto, Zona Norte do Rio, participaram de oficinas de animação**





## Evasão diminui em escolas que oferecem a oficina

A violência urbana e familiar foi o tema do desenho animado *Simplemente Acari*, produzido pelos alunos e professores da Escola Municipal Charles Anderson Weaver e dos Cieps Adão Pereira Nunes e Zumbi dos Palmares, todos localizados na Zona Norte. O filme foi exibido, no ano passado, no Festival BR de Cinema.

O vídeo mostra um pai de família que bebe muito, bate na família, provoca uma grande confusão, mas que ganha um final feliz ao se reconciliar com sua esposa e filhos. Para cada cena, os alunos elaboraram de 12 a 24 desenhos. Os trabalhos foram escaneados e, na tela do computador, ganharam movimento por meio de um software chamado Flash.

Na MULTIRIO as crianças trabalharam com a equipe de animação indicando a direção musical e aproveando o resultado final. Trabalho pronto, as crianças perceberam que a animação não é um bicho-de-sete-cabeças e que o mais importante são suas idéias.

O interesse pela arte de animar foi tanto que professores e alunos do Ciep Adão Pereira Nunes montaram - logo após a oficina - um laboratório de animação. Para a diretora da escola, professora Ademilda José Maria, valeu a pena. Desde que as aulas de animação começaram, as faltas diminuíram. "Não há preço que pague a alegria destas crianças".

E não é só isso. Os professores Rosi Marilane e Ricardo Bernardes, que comandam a oficina, explicam que as aulas elevam a auto-estima do grupo, desenvolvem a criatividade e a produção de textos: "Na oficina, é possível trabalhar também os conteúdos de outras disciplinas, como Física e Matemática. A questão da aceleração do movimento, bem como frações e conjuntos são temas que surgem durante o trabalho. E o que é mais interessante: eles têm um espaço livre para falar sobre o que desejam. Seus sentimentos e idéias. No mundo de hoje, isto é essencial".

É interdisciplinar porque é capaz de trabalhar com conteúdos disciplinares diversos, da Matemática à Física, da Ciência à Língua Portuguesa. A escola, por exemplo, pode agendar uma aula-passeio e propor, a partir da observação, o movimento animado dos animais e da natureza. Quando os estudantes estiverem compondo a animação, eles estarão trabalhando noções de Ciências, de Geografia e até de Física, pois será preciso entender de tempo, de aceleração e desaceleração do movimento. Conteúdos matemáticos também aparecerão: será necessário planejar em quantas cenas uma idéia será apresentada.

Interdisciplinar porque também trabalha os Núcleos Conceituais e os Princípios Educativos descritos na MultiEducação, destacando a importância, o tempo todo, da constituição de conhecimentos e valores. E mais, avisa Patrícia Alves Dias, é uma forma rica de as crianças produzirem desenhos animados - mídia - a partir da desconstrução e desmistificação do próprio processo desta mídia.

Foi o que já constataram as crianças e adolescentes no lançamento do projeto piloto "Carta Animada pela Paz", no Dia Internacional da Criança na Mídia, em dezembro do ano passado.



A equipe da MULTIRIO passou um dia inteiro no Ciep Zumbi dos Palmares, em Coelho Neto, Zona Norte do Rio - uma das regiões, segundo o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 2001, mais carente da cidade. O trabalho, somado a uma parceria com os alunos e professores da Escola Municipal Charles Anderson Weaver e do Ciep Adão Pereira Nunes, ambos em Acari, deu origem ao filme "Simplemente Acari".

**Vídeo** - A idéia dos animadores da MULTIRIO é percorrer as dez Coordenadorias Regionais de Educação (CREs) para desenvolver oficinas de animação e democratizar o acesso à mídia de qualidade, como já aconteceu nos Cieps Zumbi dos Palmares, em Coelho Neto, Adão Pereira Nunes, em Acari, e na Escola Municipal Charles Anderson Weaver, no mesmo bairro. O objetivo é criar dez vídeos de desenhos animados. No Dia Internacional da Criança na Mídia de 2002, mais duas escolas realizaram as oficinas: Cieps Vinicius de Moraes e Patrice Lumumba.

A escolha das próximas escolas que participarão do projeto está a cargo da SME, das CREs e da Assessoria de Integração da MULTIRIO. Serão até três escolas por região e pelo menos uma deverá estar desenvolvendo algum trabalho com mídia. Uma das escolas funcionará como núcleo de referência em animação para as demais e seus educadores se transformarão em agentes multiplicadores desta técnica. E os alunos, explica Patrícia Alves Dias, em produtores de uma mídia universal, conscientes do seu papel, da sua criatividade e do seu poder crítico. ■

## Quem é quem

**Marcos Ozório** - Diretor de Mídia e Educação da MULTIRIO.

**Humberto Avelar** - Animador há mais de 18 anos. É o criador da famosa personagem Sapequinha da MULTIRIO. Dirige os episódios da série sobre os personagens do folclore brasileiro.

**Patrícia Alves Dias** - Assessora Artística da MULTIRIO. Coordenadora do Projeto Especial de Realização de Desenhos Animados. Faz filmes para crianças desde 1985, quando se especializou em animação no National Film Board of Canadá e na Embráfilme.

**Luiz Eduardo Ricon** - Há dez anos trabalha com RPGs baseados na história e no folclore brasileiros. Eduardo é um dos roteiristas e criador das histórias da série sobre personagens do folclore brasileiro.

**André Leão** - Diretor de arte do Projeto. Trabalha na área de animação há mais de 18 anos.

**Marcelo Salerno** - Animador e designer há 12 anos. Na MULTIRIO, faz parte da equipe do Projeto de Desenho Animado, como assistente de direção.

**Eduardo Duval** - Animador sênior e criador de personagens e orientador das oficinas de animação da MULTIRIO, trabalha há dez anos na área.

**Francisco Tadeu** - Ilustrador e animador sênior.

**Miguel Ângelo** - Responsável pela computação gráfica dos projetos. Faz desde a arte-final e a pintura dos desenhos até a composição.

**Paulo Visgueiro** - Ilustrador e assistente de direção de arte.

**Márcio Tatagiba** - Animador 3D desde 1996. Realizou trabalhos no exterior. Fez Desenho Industrial na UFRJ.

**Solange Jobim** - Co-coordenadora do Projeto Especial de Desenhos Animados. Assessora da presidência da MULTIRIO. Psicóloga, doutora em Educação. Docente do Departamento de Psicologia da PUC-Rio e da Faculdade de Educação da Uerj.

**Wagner Freitas** - Animador sênior. Mestrado em animação na Vancouver Films School, no Canadá.

**Julio César Erthal** - Ilustrador, chargista e diretor de layout do Projeto.

**Siddhartha Ahearne** - Animador há mais de dez anos. Fez parte dos estúdios Disney da Austrália.

**Walter dos Santos Júnior** - Animador sênior com longa experiência no mercado nacional.

**Morvan Neto, Sandro Lopes, Rogério Reis e Cláudia Costa** - Arte-finalistas.

# Mal me quer, bem me quer...

**O que as crianças assistem na TV? Quais são os programas preferidos por elas? Boa parte dos meninos e meninas entre 4 e 11 anos gasta mais de duas horas na frente da TV, segundo os números do Ibope em pesquisa realizada em março de 2002. Estudo feito pela Unesco, no final da década de 1990, englobando cinco mil alunos de 23 países, inclusive do Brasil, apontou que as crianças de 12 anos passam, em média, três horas diárias em frente à TV. Isto é pelo menos 50% a mais do tempo dedicado a qualquer outra atividade do cotidiano, como fazer a lição de casa, ajudar à família, brincar, ficar com os amigos e ler.**

As estatísticas não são surpresa para o professor de Ciências da Informação Joan Ferrés. Ele afirma categoricamente em seu livro "Televisão e Educação" (Editora Artes Médicas) que a TV substitui a função da família e que ocupa um lugar de destaque dentro do lar. "É ponto de referência obrigatório na organização da vida familiar. Está sempre à disposição, oferecendo a sua companhia a qualquer hora do dia ou da noite. Alimenta o imaginário infantil com todo tipo de fantasias e contos. E, como uma mãe branda, nunca exige nada em troca".

No entanto, pesquisas mostram que ela acaba ditando, na maioria das vezes, comportamentos e modismos. E não é só isso: os levantamentos deixam claro que os programas preferidos pelas crianças quase sempre são os destinados ao público adulto. Na última edição do

programa "Big Brother", veiculado pela TV Globo, 22,4% da audiência eram compostos por crianças de 4 a 11 anos.

Outros programas da mesma emissora, igualmente recomendados para o público adulto pelo Ministério da Justiça, também estão entre os preferidos pelas crianças. O humorístico "Casseta e Planeta", por exemplo, aparece em sétimo lugar, e o policial "Linha Direta", é citado na nona posição (os dados foram publicados na edição de 11 de julho de 2002 do jornal "O Estado de São Paulo").

Especialistas em psicologia e educação aconselham aos pais a acompanhar o que os filhos vêem na TV, contextualizando o conteúdo e debatendo sobre o tema apresentado. A equipe da **Nós da Escola** foi às ruas e pesquisou quais são os programas que a garotada entre 6 e 11 anos têm assistido. Ficou constatado que nem sempre são os programas indicados pelos seus respectivos responsáveis. Mas pelo menos uma coisa é certa: os pais demonstram preocupação com a qualidade da programação de TV voltada para o público infantil. ■

“Acho que há pouca coisa útil na televisão para o público infantil. Os desenhos animados estão cheios de violência, assim como as novelas e os programas jornalísticos. Hoje, fica difícil indicar uma programação de qualidade para as crianças. O Felipe, por exemplo, fica muito impressionado com as cenas violentas dos telejornais. Não deixo mais ele assistir. Acho que ele deveria ver apenas programas infantis, assim mesmo com algumas restrições.”

Alcinete Abelha de Sá Roberto, mãe de Felipe

Desenhos do *Cartoon Network*, "Chaves" e "Festolândia" (SBT) e "Programa Raul Gil" (Rede Record)



Felipe - 6 anos



"Xuxa no Mundo da Imaginação", "Sítio do Picapau Amarelo" (TV Globo) e "Cúmplices de um Resgate" (SBT)

"Xuxa no Mundo da Imaginação", "Sítio do Picapau Amarelo", "O Beijo do Vampiro" (TV Globo) e "Cúmplices de um Resgate" (SBT)

"TV Globinho", "Xuxa no Mundo da Imaginação", "Mais Você" e "O Beijo do Vampiro" (TV Globo)

Ronei - 11 anos

Diana - 8 anos

Daiani - 7 anos

“Os programas que os nossos filhos assistem são ótimos e eu aprovo. Uma ou outra cena pode ser imprópria, mas estamos sempre presentes. Mas vale lembrar que à noite, depois da novela "O Beijo do Vampiro", as crianças vão para o quarto. A partir desta hora, a programação da TV é imprópria, há muita cena de violência, de sexo e de má influência. Eles respeitam a nossa ordem e têm que respeitar. Mas se deixássemos, eles veriam televisão o dia inteiro.”

Irapuan Avelino da Silva e Rosa Martins da Silva (auxiliar de serviços gerais e dona de casa, respectivamente), pais de Ronei, Diana e Daiani.

“Acho que tudo tem que ser balanceado. Não gosto que ele veja esses desenhos malucos, como o da "Vaca e o Frango", dois irmãos, filhos de humanos que nunca aparecem no desenho. Não é nada construtivo. Penso que ele poderia assistir, sim, a programas infantis, como o "Sítio do Picapau Amarelo" ou "Castelo Rá-Tim-Bum". Quando estou com ele proponho ver programas do canal Discovery ou especializados em animais. Ele até que assiste, mas depois de meia hora já está querendo trocar de canal. Não se pode proibir, mas há que controlar o que o filho vê na TV. Lá em casa, ele tem um horário estabelecido para ver televisão.”

Joper Cezar de Andrade Filho (engenheiro), pai de Eduardo



Eduardo - 8 anos

"TV Globinho" (TV Globo), Programação do Canal *Fox Kids*, desenhos animados do *Cartoon Network*, com destaque para o "Dragon Ball", e filmes



"Sabor da Paixão", "A Grande Família" (TV Globo) e telejornais

"Sabor da Paixão" (TV Globo), Desenhos animados - "Picapau" e "Eliana e Alegria" (Rede Record)

"Sabor da Paixão" (TV Globo), "Tom e Jerry", "Turma do Didi" e "Casseta e Planeta" (TV Globo)

Leonam - 11 anos

Leandro - 10 anos

Laís - 8 anos

“Os pais têm que acompanhar o que os filhos assistem na televisão. Fazemos isso mesmo. É preciso. Acho que as crianças deveriam apenas ver programas jornalísticos, educativos e noticiários – o que eles quase não fazem. À medida do possível, tentamos convencer. Programas que falam sobre sexo e que exibem muita violência não deixamos entrar em casa. E sempre que podemos acompanhamos o que eles assistem, discutimos as cenas e os conteúdos de cada programa.”

Magno Henrique da Silva e Nilcete Beckly Silva (comerciantes), pais de Leonam, Leandro e Laís





## Nas férias...

Roteiro: Cristina Campos / Arte: Ofeliano



## BATE-PAPO

(12:35:00) Sou RORO, 29 anos... alguém quer te?

(12:35:15) COALHADA: ééé...

Rosângela tecla com "COALHADA"...

(12:36:40) RORO: vc escreve roteiros para cinema? -> adoro cinema e escrevo tb.

(12:37:12) COALHADA: escrevo mas nam mostro pra ninguém.



(12:38:48) RORO: me mostra algum?

(12:39:10) COALHADA :-)) mostro sim, me dá seu e-mail.

(12:39:25) RORO: combinado. vou ler e digo o q achei amanhã.

(12:39:57) COALHADA: até +.



(10:05:30) RORO: q bom te achar. seu roteiro eh ótimo. adorei.

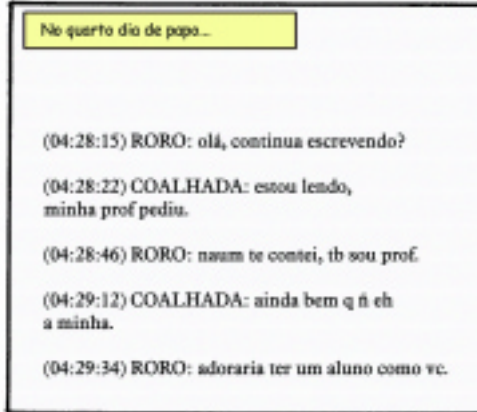
(10:05:58) COALHADA :-))) legal.

(10:06:07) RORO: já mostrou para sua professora?

(10:06:12) COALHADA: ã ela eh mt chata. hehehe.

(10:06:23) RORO: vc tem mt criatividade.

(10:06:30) COALHADA: ela ã pensa assim :-)



(04:28:15) RORO: olá, continua escrevendo?

(04:28:22) COALHADA: estou lendo, minha prof pediu.

(04:28:46) RORO: nam te contei, tb sou prof.

(04:29:12) COALHADA: ainda bem q ã eh a minha.

(04:29:34) RORO: adoraria ter um aluno como vc.



(04:29:47) COALHADA: valeu. vou nessa, tenho uma festa hj. fui.

Ofeliano

# Para sua atualização

Em destaque a imagem como documento histórico, a diversidade cultural brasileira e os jovens abrindo o verbo



## Site

### As Imagens e o Sete de Setembro

#### Sinopse

Este site mostra como dar aulas de História a partir de obras de arte. O exemplo do site é o famoso quadro "Grito do Ipiranga", de Pedro Américo. Esta obra entrou para a história por registrar uma representação da Independência do Brasil.

#### Na Escola

O professor tem a possibilidade de analisar a imagem como documento histórico e incentivar seus alunos a realizarem trabalhos e pesquisas que integrem questões da disciplina de História. No site, você, professor, encontrará alguns textos que ajudam a refletir sobre os seguintes temas:

##### ★ História pela Imagem

O uso da imagem como documento histórico não é exatamente uma novidade. A análise de imagens na sala de aula - não só como ilustração, mas como elemento portador de cultura - favorece a compreensão da narrativa. Professores e alunos podem destacar pontos de investigação que ampliem a visão histórica do nosso tempo seguindo as etapas que possibilitam realizar a leitura de uma imagem.

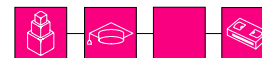
##### ★ A Independência do Brasil

O texto explica, de forma resumida, o processo da colonização portuguesa e analisa os fatores que levaram à Independência do Brasil.

##### ★ A Pintura Histórica

O que vem a ser uma pintura histórica? Que critérios identificam uma pintura como sendo histórica?

O site *As Imagens e o Sete de Setembro* está no endereço [www.multirio.rj.gov.br/multirio/independencia](http://www.multirio.rj.gov.br/multirio/independencia)



## TV

### Momento Brasil



#### Sinopse

Série de 30 programas que destaca algumas das principais cidades brasileiras. Cada episódio mostra a importância histórica, as belezas naturais, a cultura e a economia de diferentes locais. A série exibe belas imagens e traz informações que enriquecem o documentário e revelam as dimensões multiculturais do Brasil, valorizando a diversidade do nosso país.

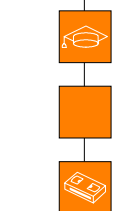
#### Na Escola

Esta série pode ser boa oportunidade para os professores de Geografia e História realizarem projetos de trabalho que destaquem algumas questões:

★ Grupo social, espaço e tempo, técnicas e instrumentos de trabalho. Analise e discuta com seus alunos estes temas. Em seguida, promova uma pesquisa na qual seus alunos possam investigar e justificar como as relações e a organização social de diferentes regiões do país foram se formando, levando em conta a origem e a época de fundação da cidade ou da região.

★ A compreensão de que conceitos da Geografia (grupo social, espaço físico e social, tempo físico e social) podem ajudar na interpretação das relações sociais, econômicas e políticas, respeitando a diversidade cultural de um país como o Brasil, também é uma boa opção para o desenvolvimento de um projeto que envolva diferentes séries do segundo segmento do Ensino Fundamental.

★ Outra boa dica é realizar projetos de trabalho nos quais os alunos criem roteiros turísticos que destaquem o potencial de uma determinada região, comparando com outras do país. Peça a seus alunos que tentem produzir propostas que estimulem e venham garantir que estas áreas cresçam, sempre respeitando as características da localidade. Esta atividade deve valorizar os aspectos criativos dos alunos. Procure acompanhar registrando com fotos e imagens todas as etapas do trabalho.



Área de Conhecimento
História

Ficha Técnica
Tipo de produção: Material digital
País: Brasil
Produção: MULTIRIO

Área de Conhecimento
Geografia

Ficha Técnica
Tipo de produção: Documentário
País: França
Produção: TV Escola
Duração: 2 minutos





TV

## Abrindo o Verbo

### Sinopse

Com uma câmara na mão e muitas idéias, jovens e adolescentes de escolas da Rede Municipal do Rio de Janeiro, reúnem-se na MULTIRIO, semanalmente, para debater sobre temas do seu interesse, com o cuidado de não reproduzir os estereótipos e clichês com os quais habitualmente são tratados pela mídia em geral. Os programas têm como objetivo mostrar o que os jovens estão pensando e entendendo sobre sua imagem na mídia. Matérias e intervenções de uma psicanalista enriquecem o debate.

### Na Escola

Os programas podem ser utilizados por você e seus alunos como ponto de partida de trabalhos temáticos. Cada grupo pode fazer críticas e sugestões sobre matérias veiculadas pelas diferentes mídias, que tratam de assuntos ligados ao universo jovem.

Vale lembrar que esta é uma excelente oportunidade para trabalhar o processo de organização e de apresentação dos diferentes pontos de vista dos alunos. Atividade que pode ser feita na forma de plenária, em que cada grupo tenha um tempo determinado para expressar suas opiniões, enquanto outros organizam a contrargumentação ou complementam as impressões de um outro grupo.

Questões do tipo *Como os jovens se vêem nos dias atuais? E como eles se vêem retratados pelos meios de comunicação?* podem servir de ponto de partida para o trabalho. Temas como sexualidade, discriminação e preconceito, convivência familiar favorecem uma discussão de co-responsabilidade com estes jovens, ao mesmo tempo que promove uma reflexão sobre o papel deles no processo histórico e cultural do seu tempo.

#### Área de Conhecimento

Cultura, valores

#### Ficha Técnica

##### Tipo de produção:

Entrevista

##### País:

Brasil

##### Produção:

MULTIRIO

##### Duração:

30 minutos

### Programação da MULTIRIO

#### Canal 3 da Net

Diariamente, das 7h30 às 11h30

#### BandRio

De segunda a sexta-feira, das 7h às 8h e das 14h às 15h

Sábado e domingo, das 10h às 11h

**Estas propostas são feitas a título de sugestão. Não é nossa intenção passar receitas ao professor. Consideramos que todos os vídeos podem ser usados por todos os segmentos, em parte ou totalmente. Quem deve fazer esta opção é você, professor!**



Educação Infantil



Ensino Fundamental



Vídeo



Professores



Impressos



CD-ROM



Internet

# Caro(a) professor(a)

Sua opinião é fundamental, para nós, da equipe da Revista **Nós da Escola**. Suas críticas e sugestões podem nos ajudar a fazer a revista ficar, ainda, muito melhor. Participe respondendo as perguntas abaixo. Assim você nos ajuda a atender, de forma precisa, aos interesses e necessidades dos professores da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro.

*Ei professor, não deixe de colaborar! Depois de responder à pesquisa, repasse para a diretora de sua escola. Ela se encarregará de enviá-la para a CRE.*

## 1 Como a revista chega a você?

---



---



---

## 2 Todos os meses você recebe seu exemplar?

---

## 3 A linguagem utilizada facilita a compreensão dos temas abordados?

Sim  Não

## 4 Numere pela ordem de sua preferência as sessões da revista:

- Editorial  
 Zoom  
 Caleidoscópio

- Carioca  
 Cartas  
 Atualidade  
 Professor On-line  
 Tudoteca  
 Ponto e Contraponto  
 Olho Mágico  
 Matéria de Capa  
 Pé na Estrada  
 Vida de Professor



**5** A Revista Nós da Escola contribui para a qualidade do seu trabalho?  Sim  Não

Porque \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_



**6** Você tem aproveitado o Giramundo em suas aulas?  Sim  Não

Porque \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**7** Você tem utilizado o Cartaz encartado na revista?  Sim  Não

Onde:  Na sala de aula  
 Na escola

Coleciona:  Sim  Não

**8** Que temas você gostaria que fossem tratados na revista?

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**9** Você se sente valorizado, de forma pessoal e profissional, ao receber/ler a revista?  Sim  Não

Porque \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**10** Você guarda os exemplares da revista?

Sim:  Na sua sala  Na biblioteca da escola  Em sua casa

Não:  Deixa na escola  Doa para outros amigos/professores etc.



# Droga em cena

**Clássico da literatura infanto-juvenil, a história de Pinóquio ganhou nova versão nas mãos de três alunos da Rede Municipal de Ensino. Na adaptação de Adriano de Carvalho, Lys Cezário de Mello e Karlen Susan de Assis, o boneco de pau é um menino criado por Gepeto, que se defronta com as drogas e suas conseqüências.**

Adriano, 17 anos, Lys, 15, e Karlen, 15, da Escola Municipal Epitácio Pessoa, Andaraí, Zona Norte, foram os vencedores da terceira edição do concurso "Tirando a Droga de Cena", parceria entre as secretarias Especial de Prevenção à Dependência Química e Municipal de Educação, que premia, todos os anos, autores e professores orientadores de dez roteiros teatrais sobre a questão da droga. Este ano, computadores e televisores foram dados a alunos e professores que tiraram o primeiro lugar. Do segundo ao décimo, os prêmios foram televisões, aparelhos de som, *disc man* e agenda eletrônica. Para as escolas, uma câmera fotográfica.

**Fidelidade** - A idéia de produzir a peça, baseada no clássico infanto-juvenil, partiu dos três estudantes, que viram semelhanças entre a história de Pinóquio e a de milhões de adolescentes que vivem o problema. "Ele é um menino que foi criado por uma outra pessoa porque sua mãe não pôde sustentá-lo. Ele mente e tem amigos ruins, uma história parecida com a de vários colegas nossos que usam drogas ou que entraram para o tráfico", conta Adriano, que para produzir o trabalho contou com a colaboração da professora Magda Fernandes. ►





A fidelidade com que o texto retrata o processo de envolvimento de jovens com drogas chamou a atenção da comissão julgadora, como observa Raimundo Alberto, autor e diretor teatral: “A maioria das peças mostrou que seus autores têm um conhecimento profundo do tema. Dá para perceber que as histórias contadas ali fazem parte da realidade deles. Juntas, elas são um material riquíssimo para pesquisa, já que trazem pontos de vistas completamente diferentes sobre o assunto”.

Um outro aspecto que merece destaque, na opinião de Márcia Cristina Monteiro da Silva, da equipe de Educação Ambiental da SME e também da comissão do júri, é o fato de os textos abordarem, mesmo que nas entrelinhas, a questão da prevenção. “As peças costumavam falar do tema como a mídia trata: associando a droga à criminalidade e à violência. Este ano, percebi que os textos trazem um enfoque diferente do assunto”. Diálogos dão dicas sutis de como se proteger das drogas, mencionam outras formas de os jovens encontrarem prazer e falam do perigo de drogas lícitas, como tabaco e álcool.

Se o concurso deste ano apresentou novas abordagens sobre a questão da droga, mostrou também que são praticamente os mesmos grupos que conseguem ficar entre os dez primeiros. “Muitos deles são formados por alunos dos núcleos de adolescentes, espaço onde os temas como drogas, sexualidade, etc. são debatidos”, explica Márcia Cristina, que acredita ser necessário intensificar a divulgação do concurso para estimular mais professores e alunos a participarem. ■



**Informações sobre o concurso “Tirando a Droga de Cena”, a partir do mês de maio na secretaria de sua escola.**

Secretaria Especial de Prevenção à Dependência Química  
www.rio.rj.gov.br/livre\_das\_drogas  
ouvidoriasepdq@pcrj.rj.gov.br

#### Os premiados

##### 1 - Pinóquio no Século XXI

Adriano Santana de Carvalho, Karlen Susan de Assis e Lys Marie Fontão Cezário de Mello  
Professora orientadora: Magda Carvalho Fernandes  
Escola Municipal Epitácio Pessoa

**A história de Pinóquio é transportada para os dias de hoje. O boneco de pau é um adolescente, criado pelo velho Gepeto, que vive o drama de quem se envolve com o mundo das drogas.**

##### 2 - Cuidado com a bruxa

Elaine Dutra Benvindo e Lídia Arantes de Oliveira  
Professora orientadora: Isabel Cristina Rodrigues Paulo  
Escola Municipal Evaristo da Veiga

**Nesta peça, a droga é representada por uma linda e sedutora mulher que, aos poucos, se transforma em bruxa.**

##### 3 - Vida de ilusão

Thiago Rodrigues Cavalcante e Daniel Bruno Miranda Rodrigues  
Professora orientadora: Ana Paula R. A. Lopes  
Escola Municipal Cardeal Leme

**Um jovem resolve trabalhar no tráfico depois que um suposto colega lhe conta como ‘é fácil’ ganhar dinheiro vendendo drogas.**

##### 4 - Tirando a droga de cena

Ludmilla Arsolino Moreira dos Santos e Camille Mendes Costa  
Professora orientadora: Claudia de Jesus Pereira Nunes  
Ciep Procópio Ferreira

**As drogas lícitas, como álcool, cigarro e anabolizantes, são o tema desta peça.**

##### 5 - Colocando a droga em cena

Giselle Lage Pravato e Renata Fernandes Chagas  
Professora orientadora: Alyne Rolin de Araujo Brito  
Escola Municipal França

**Em um programa de auditório o apresentador entrevista a senhora Nicotina Etílica, que vê, em flashbacks, o mal que fez a vários jovens.**

##### 6 - A volta por cima

Regiane Monteiro da Silva  
Professora orientadora: Carmela Corrêa Soares  
Escola Municipal Orsina da Fonseca

**Edvaldo sofreu maus-tratos durante a infância e se torna alcoólatra na vida adulta.**

##### 7 - Uma cena sem a droga

Walker Oripes da Silva Brito  
Professora orientadora: Vera Lucia Correa Soeiro  
Escola Municipal Nilo Peçanha

**Em uma clínica de reabilitação para dependentes químicos, os internos contam suas histórias.**

##### 8 - A vida com as drogas

Danúbia Germano da Silva  
Professora orientadora: Flávia Beatriz Pedrosa Pereira  
Escola Municipal Pereira Passos

**Tímida, Silvia é uma jovem com dificuldade de se relacionar. Ela acaba recorrendo às drogas.**

##### 9 - O show não pode parar

Marcilene da Silva Brito, Juliana Ayres Ferreira e Joice Alves Vargas Soares  
Professor orientador: Fernando Giusti  
Escola Municipal Fernando de Azevedo

**Gustavo é um rapaz que, com apenas 30 anos, perde a luta contra as drogas.**

##### 10 - A prevenção ao uso de drogas

Marcos Santos Reis Silva  
Professora orientadora: Paula Gomes Di Calafiori  
Núcleo de Artes Charles Dickens

**A trajetória de três rapazes desde a época em que se formaram na escola até a vida adulta.**

# Um convite à fantasia

**Bruxas, fadas, duendes e tudo que a imaginação puder criar disputaram espaço com as crianças que visitaram o 4º Salão do Livro para Crianças e Jovens, no Galpão das Artes do Museu de Arte Moderna, no Centro. Um convite à fantasia, a feira, organizada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), reuniu este ano 40 editoras, além de 120 escritores e ilustradores.**

A garotada que apareceu por lá pôde se deliciar com 94 lançamentos e mais de dois mil títulos, disponíveis na biblioteca da FNLIJ. Local escolhido por Gêssica de Souza, 10 anos, e Mirela dos Santos Marinho, de 9, para devorar as páginas de mais uma aventura da bruxa Onilda. As duas, alunas do Ciep Samuel Weiner, na Tijuca, morrem de rir com as histórias da personagem criada por Sílvia Orthof. “Dessa vez ela se veste para ir a uma festa de bruxas onde vai ter um concurso de *Miss Feitura*”, conta Gêssica. Todas as crianças que visitaram a feira saíram de lá com livro, presente dos organizadores do evento.

**Vale** - Presente também ganharam os professores da rede, que receberam vales no valor de R\$ 496 para ampliar o acervo das bibliotecas das escolas. Ana Paula Apolônia, da Sala de Leitura do Ciep Carlos Drummond de Andrade, em Jacarepaguá, comprou, entre outros títulos, “Armazém do folclore”, de Ricardo Azevedo; “Planeta eu - conversando sobre sexo”, de Liliana e Michele Iacocca; “Qual a palavra?”, de Roseana Murray; “A bruxa Fofim”, de Sílvia Orthof; e “Mana descobre o @mor”, de Heloísa Pietro.

Os exemplares, segundo Ana Paula, já estão nas estantes aguardando os alunos. “Depois de visitarem um evento como o Salão, conhecerem alguns autores, conversarem com ilustradores, eles chegam na escola animados procurando outros livros. É assim, eles precisam conhecer para gostar de ler”.

Não só eles, na opinião de Elizabeth Serra, secretária-geral da FNLIJ. “Nosso maior desafio hoje é ganhar o professor. Ele chega querendo receita. Só que não tem mágica. É ele que tem que construir sua história de

leitor e nunca é tarde para isso. O professor tem que se apropriar do texto, até para criar um critério de qualidade”, observa Elizabeth, que acredita na força do livro. “Para formar leitores é preciso dar destaque ao texto escrito”, completa.

O Salão deste ano mostrou que o livro, especialmente o infantil, tem a força a que se refere

a secretária-geral da FNLIJ. O número de lançamentos do Salão deste ano foi três vezes maior que o da última Bienal. “É o mercado editorial se fortalecendo. As editoras estão guardando para o Salão o que há de mais sofisticado na área de literatura infantil”, observa a ilustradora Graça Lima, que lançou no evento sete livros.

## Alunos da rede exibem suas produções

Mais de 200 livros produzidos por alunos da rede foram a atração do estande da Secretaria Municipal de Educação (SME). Resultado do projeto “Dentro de mim mora um livro”, que reuniu trabalhos de escolas das dez Coordenadorias Regionais de Educação, as publicações abordaram os mais diferentes temas em gêneros e formatos variados.

Foi possível ver nas estantes, entre outras produções, livros em formato de boneca, de cartaz e uma coleção apresentada sob forma de móbil. Alguns textos tiveram como base livros de literatura, outros foram criações livres dos alunos.

Além de estimular o hábito da leitura, a iniciativa, segundo Simone Monteiro, diretora da Divisão de Mídia e Educação da SME, teve o mérito de divulgar a produção da rede e de elevar a auto-estima dos estudantes. “Alguns ficaram tão animados com a ideia que trouxeram os pais para ver seus livros expostos no estande”.

Uma produção, intitulada “A bruxa que roubava sonhos”, constou da programação oficial da feira. Os autores do livro, de uma turma de progressão do Ciep Adão Pereira Nunes, em Irajá, participaram de um bate-papo com os visitantes do Salão no Espaço FNLIJ de Leitura.







Sempre há tempo...

## NÓS DA ESCOLA

No próximo número:  
**Movimento e Transformação**

1:10

 **PREFEITURA**  
EDUCAÇÃO MULTIRIO

central de atendimento: (21) 2528-8282 • [ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br](mailto:ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br)